

Bailei na Curva
(Júlio Conte)

(ANOS 60)

CENA 1: A CASA DA ANA

"É de pequenino que se torce o pepino".

(Palco vazio. Sete cadeiras pretas. Som do rádio).

RÁDIO - Nova Iorque. O Brasil pode explodir a qualquer momento em qualquer direção, informou ontem o editorial do jornal "New York Daily News". Disse o jornal que o Brasil, a maior república da América do Sul, encontra-se num perigoso estado de fermentação. Tem um rico e caprichoso radical chamado João Goulart na presidência, uma inflação galopante, um movimento operário dominado pelos comunistas e uma camarilha militar de direitistas extremistas. Concluiu o jornal dizendo os senadores esquerdistas que "acreditam que Fidel Castro não é mais uma irritação de maior importância, devem fazer uma viagem ao Brasil para aprender que espécie de ameaça Castro representa para todo o hemisfério". Onze horas e trinta e dois minutos. O tempo em Porto Alegre apresenta-se instável sujeito a fortes chuvas no final do período .

(Música. Luzes se acendem. Soldado sobre a cadeira da frente, podando um galho de árvore. Dona Virgínia lendo uma revista, numa cadeira ao fundo).

DONA VIRGÍNIA - Soldado Celso! Corta esses galhos que eu não gosto destas folhas caídas em frente da casa.

SOLDADO CELSO - Sim, senhora!

DONA VIRGÍNIA - Depois poderia regar um pouco a grama?

SOLDADO CELSO - Sim, senhora!

(Entram Pedro e Gabriela. Como se passassem pela calçada).

PEDRO - Bom dia D. Virgínia!

GABRIELA - Oh, D. Virgínia, a Ana está aí?

DONA VIRGÍNIA - Mas ela não estava no colégio junto com vocês?

GABRIELA - Não sei. Fiquei de castigo no recreio.

DONA VIRGÍNIA - Mas como Gabriela? Daqui a pouco ela deve estar aqui. Nós vamos almoçar.

GABRIELA - Tchau, D. Virgínia, manda um beijo para ela.

PEDRO - Tchau D. Virgínia.

GABRIELA - Vamos passar no armazém?

(Saem de cena. Entra Ana).

DONA VIRGÍNIA - Eh, eh,eh! O que é isso?

ANA - Nada!

DONA VIRGÍNIA - Como nada? Essa sujeira toda?

ANA - Estava brincando com a Ruth e me sujei.

DONA VIRGÍNIA - Ana! Se teu pai te vê deste jeito!

ANA - O pai está em casa?

DONA VIRGÍNIA - Está! Mas não é para incomodar que ele só veio almoçar e já vai voltar para o quartel!

ANA - Tô com saudades! Onde é que ele está?

DONA VIRGÍNIA - Na sala. Primeiro tu vais te limpar. Sabes que ele gosta de ti bem limpinha! Vai correndo Ana!

(Capitão Gomes chamando Ana de fora de cena. Está de uniforme de instrução)

CAPITÃO GOMES - Ana, Aninha!

ANA *(se arrumando)* - Tô indo pai.

CAPITÃO - Vem dar um beijo no pai.

(Na oferece a testa. Capitão beija. Ela se afasta para que ele a inspecione)

CAPITÃO - Deixa eu ver... Alto! *(Ana pára)* Esse joelho sujo Aninha! *(Ana levanta o vestido para ver)* Baixa essa saia minha filha. *(ele senta)* Senta aqui. Tu tens que aprender a brincar sem se sujar Aninha.

ANA - Tá, Pai.

CAPITÃO - Promete?

ANA - Prometo.

DONA VIRGÍNIA - Também não precisa fazer um drama. Se a menina se sujou, sujou. Não há nada que a água não lave.

CAPITÃO - Não vai me contrariar, vai?

DONA VIRGÍNIA - Não estou te contrariando.

CAPITÃO - Está abafando a minha autoridade de pai.

DONA VIRGÍNIA - Mas a menina é pequena, Gomes.

CAPITÃO - É de pequenino que se torce o pepino.

ANA - Eu não me sujo mais, já prometi.

CAPITÃO - Ana, vai te lavar. Obedece a tua mãe. Quando almoço estiver pronto me chama. Estou no gabinete. *(sai)*

ANA - Mãe, quando eu crescer vou ter que casar?

DONA VIRGÍNIA - Não é que tu vai ter que casar, mas acontece é bom.

ANA - Acho que não vou casar, tá mãe?

DONA VIRGÍNIA - Aninha, não precisa tomar banho, só troca o vestido e lava as mãos.

ANA - Depois eu posso brincar na casa da Gabriela?

DONA VIRGÍNIA - A Gabriela é a filha da costureira?

ANA - É.

DONA VIRGÍNIA - Tu podes, mas não conta para teu pai.

ANA - Então eu vou avisar ela e já volto.

DONA VIRGÍNIA - Agora é hora do almoço!

ANA - Mas ela não vai esperar! Deixa mãezinha,deixa!

DONA VIRGÍNIA - Está bem. Lava as mãos ali como soldado Celso e volta logo. Teu pai só veio almoçar.

(Ana lava as mãos e sai)

CENA 2: CASA DE PEDRO E GABRIELA

"Sessenta e quatro vai ser o nosso ano".

(Mudança de cena. Pedro e Gabriela estão brincando a caminho de casa)

PEDRO - Meia, meia, lua um dois, três! Volta!

GABRIELA - Não mexi!

PEDRO - Mexeu o fio do cabelo!

(chega Ana)

ANA - Gabriela, vamos brincar hoje de tarde?

GABRIELA - Vamos! Tu trás aquela de cabelão bem comprido que eu gosto?

PEDRO - Gabi, tu já falou pra mãe?

GABRIELA - Não, mas ela deixa!

PEDRO - Não mesmo!

ANA - Gozado o Pedro!

GABRIELA - Por quê?

ANA - Lá no colégio disseram que ele não é teu irmão!

GABRIELA - Mas ele é! Eu lembro dele desde que eu nasci!

ANA - Mas ele nasceu antes que tu, Gabi!

GABRIELA - E daí? Eu já estava espiando!

ANA - E como é que ele é preto?

GABRIELA - Sabe o por quê? É porque decerto Deus esqueceu ele no forminho e ele queimou! Até o cabelinho!

ANA - Então eu vou pra casa comer que meu pai está esperando.

PEDRO - Teu pai está em casa?

ANA - Tá.

PEDRO - Ele tá de revólver? E de capacete?

GABRIELA - Aquele piniquinho de cabeça?

(Ana ri. Pedro e Gabriela também. Se despedem. Mudança de luz. Pedro e Gabriela estão entrando em casa. Dona Elvira está costurando)

PEDRO - Ó mãe!

DONA ELVIRA - Onde é que vocês andaram? Por que demoraram tanto?

PEDRO - Nós encontramos a Ana no meio do caminho.

GABRIELA - Qué uma bala mãezinha?

DONA ELVIRA - Que balas são essas, menina?

GABRIELA - Comprei ali no armazém.

DONA ELVIRA - Já te disse pra não comprar porcaria! Por isso a conta do armazém está daquele tamanho!

PEDRO - O pai já chegou?

DONA ELVIRA - Não.

GABRIELA - Estão vamos brincar!

DONA ELVIRA - Nada disso. Vão estudar!

GABRIELA - Mas recém a gente chegou do colégio!

PEDRO - De noite a gente faz os temas!

DONA ELVIRA - De noite vocês estão com sono!

GABRIELA - Utê também! *(Vão para o quarto. Pedro tira um vidro com uma cobra dentro.)* Pedro de Deus! O que é isso?!

PEDRO - Uma cobra.

GABRIELA - O que tu vai fazer?

PEDRO - Vou operar. Pega esse martelinho e bate na cabeça dela. É a anestesia! Tu é a enfermeira e eu sou o médico!

GABRIELA - Onde é que tu pegou essa cobra?

PEDRO - Lá no colégio, no campinho.

GABRIELA - É venenosa?

PEDRO - Não, é cobra d'água! Bate pra ela não sentir dor! *(Gabriela bate. Respinga sangue no olho)* Algodão...

GABRIELA - Algodão. Tu gosta Pedro?

PEDRO - Quando eu crescer vou ser médico. Vou ser rico e famoso e comprar um "rabo-de-peixe" deste tamanho.

GABRIELA - Igual ao do pai do Caco?

PEDRO - O pai do Caco tem um Sinca Chambord! Tesoura...

DONA ELVIRA - (*entrando no quarto*) Vocês viram a minha tesoura? (*vê a tesoura sendo usada para cortar a cobra*) Minha tesoura!

PEDRO - Eu estava treinando para médico.

DONA ELVIRA - Para ser médico precisa estudar e não ficar estragando a minha tesoura! (*pensa*) Médico... Mas tem que estudar primeiro! Vão limpar isso aí! Ajuda Gabriela!

GABRIELA - Eu não fiz nada.

DONA ELVIRA - Não fez mas vai fazer! Não chega um sonhador em casa? Ajuda ele Gabriela!

GABRIELA - Não vou fazer nada. E tem mais: não quero mais comer pão feito em casa com schmier! Quero comprar lá no bar do colégio!

DONA ELVIRA - Nós não temos dinheiro.

GABRIELA - Ah é? E como é que a Ana tem? O Paulo, mãe, toma duas Grapette e não me dá nem um góle. Tu é ruim!

DONA ELVIRA - Não diz isso, menina!

GABRIELA - Eu digo, repito e tripito: tu é ruim, tu é ruim, tu é ruim! (*vai para o quarto*) Que mãe que eu tenho! (*bate a porta*)

DONA ELVIRA - Abre esta porta Gabriela!

GABRIELA - Está abrida!

DONA ELVIRA - Filha, o pai e a mãe estão trabalhando muito para vocês estudarem, serem alguém na vida, mas vocês precisam fazer algum sacrifício!

GABRIELA - Mas como é que a Ana tem tudo? E ela estuda no mesmo colégio que eu!

DONA ELVIRA - Colégio público não se paga!

GABRIELA - Umas coisas se pagam outras não!

DONA ELVIRA - Eles têm dinheiro, nós não!

GABRIELA - Mas deixa que eles vão direitinho para o fogo do inferno!

DONA ELVIRA - Filha

GABRIELA - Foi a professora de religião que disse: "o reino dos pobres é o reino de Deus". Decerto o dos ricos é o do inferno. É o que sobra, né?

(Latido de cachorro vindo do quintal. Chega o pai)

PAI - Pedro atrás da porta!

PEDRO - Oi, pai. Deixa que eu carrego as coisas.

PAI - Bom-dia! Bom-dia!

DONA ELVIRA - Quase boa tarde.

PAI - Dei uma passada no Sindicato e me atrasei. Mas trago boas notícias.

DONA ELVIRA - Seria melhor se trouxesse algum dinheiro pra casa.

GABRIELA - Ó pai! Olha só o que o Pedro me fez. *(mostra o braço arranhado)*

PAI - Antes de casar sara. Deixa eu ver essas unhas guri. *(começa a cortar as unhas do menino)* Advinha quem foi lá no Sindicato hoje?

DONA ELVIRA - Quem?

PAI - Leonel de Moura Brizola!

DONA ELVIRA - Não acredito.

PAI - Pois foi lá. Foi lá e falou comigo. Bateu no meu ombro assim ó... Disse que o Jango está com ótimas idéias. Vai acabar com a pobreza no Brasil. Deu um discurso para duzentas e cinqüenta mil pessoas na Central do Brasil! Falou até em reforma agrária! Sessenta e quatro vai ser o nosso ano!

(Dona Elvira espeta o dedo)

PEDRO - Pai, quando eu crescer quero trabalhar com o senhor.

GABRIELA - E eu vou ser rica e famosa e vou comprar um "rabo-de-peixe" só pra mim!

PEDRO - Eu é que vou!

GABRIELA - Ué? Tu não ia trabalhar com o pai?

DONA ELVIRA - Vão já para o quarto. Já para o quarto!

PEDRO - Quando eu quero não posso, quando não quero tenho que ir!

(Pedro e Gabriela saem de cena)

DONA ELVIRA - Já disse para não falar de política perto das crianças! Depois elas me perguntam e eu não sei o que responder.

PAI - Mas vai responder o quê? Criança entende alguma coisa? O que importa é que vão crescer num país muito melhor.

(Luzes se apagam. Foco num canto da cena)

CACO - Pedro, Pedro, Pedrão!

PEDRO - Que é?

CACO - Tu já almoçou?

PEDRO - Eu não.

CACO - Vamos na matinê domingo?

PEDRO - Qual é o filme?

CACO - "O professor Aloprado" no Cine Vitória!

PEDRO - Tenho que pedir pra minha mãe.

CACO - Ah, e a Gabriela também, tá?

PEDRO - Ih, as gurias não.

CACO - Por quê?

PEDRO - O Paulo já sabe?

CACO - Sabe.

PEDRO - E o que foi que ele disse?

CACO - Nada... Disse que ia ser bom!

PEDRO - Não tô gostando desta história das gurias irem junto... Mas... eu peço para a minha mãe!

CACO - Eu vou que estão me esperando para almoçar, tá? Tchau!

PEDRO - Tchau.

(Luzes se apagam)

CENA 3: A CASA DE CACO

"Vai ter guerra?"

(Caco vai entrando sorrateiro. O pai sentado lendo jornal, a mãe a seu lado tomando chá)

PAI - Carlos Augusto! Onde andavas meu filho?

CACO - Tava falando com o Pedro.

PAI - Demorastes. Nós já almoçamos.

MÃE - É que teu pai tem que sair logo. Mas a Clementina já vai te servir o almoço. Está no forninho. Ah, e hoje tem sobremesa especial: torta de chocolate!

CACO - Não sei porque especial, todo o dia tem torta de chocolate.

PAI - Carlos Augusto!

CACO - O quê?

PAI - "O quê", não! Ainda sou teu pai!

CACO - Senhor?

PAI - Não fala assim com a tua mãe!

CACO - Sim senhor!

(Clementina serve o almoço)

MÃE - Como vão as aulas de natação, filho?

CACO - Tá bom, mãe.

PAI - E o piano?

CACO - Tá bom, pai.

MÃE - E o ténis?

CACO - Tá bom, mãe.

PAI - *(lendo o jornal)* Essa Jango é um filho da puta!

CACO - Filho de quem?

PAI - Da mãe dele!

CACO - De quem mais poderia ser, pai?

MÃE - Come filho!

PAI - (*lendo*) Duzentos e cinquenta mil pessoas... Isso exige uma resposta!

MÃE - Também acho!

PAI - Do jeito que anda a situação, isso vai acabar resultando numa guerra civil!

CACO - Vai ter guerra?

MÃE - Não fala de boca cheia, meu filho!

CACO - Quem é que vai lutar?

PAI - Os comunistas contra os brasileiros!

CACO - Então nós vamos lutar contra o pai do Paulo?

MÃE - Por que meu filho?

CACO - Estão dizendo em toda a zona que ele é comunista.

PAI - O Paulo qual é?

MÃE - O vizinho aqui da frente. O pai dele dá aulas na universidade.

CACO - Ele não é brasileiro?

MÃE - Ele quem, meu filho?

CACO - O pai do Paulo.

PAI - Carlos Augusto! Esse menino não está atrasado para a aula?

MÃE - Vou chamar o Mário.

CACO - Diz pra ele ir ligando o carro que eu vou no banheiro mijar.

MÃE - Carlos Augusto!

CACO - Diz pra ele ir ligando o carro que eu vou no banheiro... urinar...

MÃE - Melhorou!

CACO - Ah, espera só um pouquinho. (*vai até o telefone, luz se fecha sobre ele*) Alô! O Paulo está aí? Posso falar com ele? Paulo falei com o Pedro. A Gabriela também vai. Só falta falar com a Ruth Bolota. Não, vai tu! Tu sabe que a mãe dela não vai com a minha

cara, tá? E agora eu tenho uma aula de educação... educação não-sei-o-quê. Vem uma professora especial. As duas horas aqui em casa, tchau!

CENA 4: CASA DE PAULO

"Quando ti cresceres, tu vais entender tudo".

(Foco sobre caco se apaga e imediatamente se acende sobre Paulo no lado oposto do palco. Quando Paulo desliga o fone as luzes se acendem sobre a casa do Paulo)

PAULO - Tchau! Manhê, manhê! *(mãe entra)* Eu vou ali na Ruth e já venho, tá?

MÃE - Não vais comer a sobremesa, meu filho?

PAULO - Já comi.

MÃE - E o que tu vais fazer na Ruth?

PAULO - Vou convidar ela pra nós ir ai cinema.

CARMEN - *(entrando)* Irmos ao cinema, irmos!

PAULO - Não falo com baixinha!

CARMEN - Quando tu cresceres, tu poderás falar comigo, se até lá tiveres aprendido a falar.

MÃE - Para ires ai cinema, tens que pedir permissão para o teu pai.

(Entra o pai. Lendo um livro, tão envolvido que quase esbarra na mãe. Se beijam e senta-se a mesa)

PAULO - Paiê, eu posso ir ao cinema com os guris? Já tá tudo combinado e o Caco disse que...

MÃE - Como é que está tudo combinado se tu falou que tens que ir lá falar com a Ruth?

PAULO - Só falta falar com a Ruth, mãe. O Caco pediu...

PAI - O Caco é o vizinho aqui da frente?

MÃE - É por que?

PAI - O pai dele é o braço direito do Meneghetti.

PAULO - Deixa pai, deixa!

PAI - Pergunta pra tua mãe. Ela é quem decide.

MÃE - Tudo comigo. É sempre assim.

CARMEN - Pirralho não pode ir ao cinema.

PAULO - Sou pirralho, mas sou mais alto que tu!

CARMEN - Mas tu não cresceste aqui dentro.

PAULO - Ui, Carmen, tu tem raiva de mim porque tu é mais velha e eu sou mais alto que tu, tá?!

CARMEN - Não é nada disso, seu espírito de porco!

PAI - Vão parar vocês dois?

CARMEN - Pai, tu nem sabes o que ele fez. Cuspiu na Vera, subiu numa árvore e ficou mostrando o pinto para todo o mundo!

PAI - É verdade isso, meu filho?

CARMEN - Claro que é. Podes perguntar para qualquer um lá na escola.

PAULO - E quem é que ficava se beijando com o Toninho na saída do colégio... que eu vi tudinho?

PAI - Vocês dois vão parar que eu não quero saber de discussão na família. Está bem, Paulo?

PAULO - Paiê, o senhor sempre diz que a gente tem liberdade para fazer as coisas. Então, ela vive se metendo na minha.

PAI - Paulinho, eu sempre digo que a tua liberdade termina onde começa a do outro.

CARMEN - O problema é que ele nunca sabe onde começa a do outro. Ele está precisando de uma tunda!

PAI - Mas onde é que nós estamos? Eu nunca bati em vocês, principalmente em ti, minha filha. E não pretendo começar hoje! Tu entende isso Carmen?

CARMEN - Entendo, pai. Mas acontece que não consigo me controlar, ele me irrita, me irrita!

MÃE - Carmen, sai de perto do teu irmão! E tu toma juízo, Paulo!

PAULO - Carmen, vamos ficar amigos?

(Paulo se aproxima como se fosse fazer as pazes, mas na hora tira uma barata e mostra para Carmen)

CARMEN - *(gritando)* Ai!

(Sai de cena, mãe vai atrás para ajudar. Pai pega Paulo pela orelha quando ele tenta escapar)

PAI - Pede desculpa para a tua irmã.

PAULO - Ai, ai, ai, paizinho.

(Carmen volta trazida pela mãe)

PAI - Pede desculpa para a tua irmã.

CARMEN - Da próxima vez eu fujo de casa!

MÃE - Calma.

CARMEN - Eu fujo, eu fujo!

PAULO - Desculpa.

PAI - Mais alto.

PAULO - Desculpa.

PAI - Não grita!

(Sentam-se à mesa. Paulo choraminga.)

PAULO - Posso ir lá na Ruth?

PAI - Agora tu vais sestar. Depois das duas tu vais.

PAULO - Mas eu não quero sestar depois do almoço.

CARMEN - Pai, me ajuda neste trabalho. É sobre a Revolução Francesa. Eu não estou entendendo nada.

PAI - Minha filha, lembra quando eu falo que as contradições sociais se aguçam e não é mais possível reprimir? Foi o que aconteceu. A monarquia não conseguiu reprimir o movimento burguês aliado as forças populares. Eles queriam um país melhor para viver.

PAULO - E por que eles não se mudaram de país?

PAI - Eles não queriam mudar de país, eles queriam mudar o país.

PAULO - Se fosse aqui nós ia ter um país melhor?

CARMEN - Iríamos, iríamos!

MÃE - *(ao telefone)* Não vão começar tudo de novo!

PAULO - Paiê, tu me explica essa história aí, que eu não entendi muito bem?

PAI - Paulinho, quando tu cresceres vais entender.

(Paulo fica emburrado. Carmen ri. Paulo começa a sair)

MÃE - Onde é que tu vais, meu filho?

PAULO - Vou dar comida para a caturrita. Por que, não posso?

(Luzes se apagam)

CENA 5: CASA DA RUTH

"Me chama de burra, surda e louca e ainda diz que quer me ajudar".

(Som de batidas na janela. Foco de luz)

PAULO - *(gritando)* Ruthiii! Ruthii!

RUTH - *(ela abre a janela)* Ó! *(ri para Paulo)*

PAULO - Ó! O Caco pediu pra mim vir aqui pra te convidar para ir ao cinema conosco.

RUTH - Quem é que vai?

PAULO - Toda a turma. Tu vai?

RUTH - Eu acho que vou. Tu queres que eu vá?

PAULO - Olha... pra mim tanto faz!

RUTH - Olha aqui, ó! Eu vou mesmo que tu não queira, viu?

PAULO - Não grita comigo, viu? Senão eu conto pra todo o mundo que tu peida na aula. *(grita)* Ela peida na aula!

RUTH - Não, não, não! Que horas que eu tenho que ir?

PAULO - Vai lá na casa do Caco antes das duas.

RUTH - Tá bom.

PAULO - Tchau!

(Paulo mostra a língua enquanto Ruth fecha a janela. Mudança para dentro da casa. Luz geral. Pai está sentado de costas para o público, meio dormindo. Mãe de Ruth corrige provas. Ruth entra choramingando)

RUTH - Não vou na aula de tarde.

MÃE - Minha filha, vai terminar de te arrumar que eu tenho que passar na escola agora.

RUTH - Não vou na aula.

MÃE - Por que minha filha?

RUTH - Porque o Paulinho fica dizendo pra todo o mundo que eu peido na aula.

PAI - Olha o palavrão dentro de casa!

RUTH - Foi o Paulinho que disse. Ele disse bem assim "tu peida na aula, tu peida na aula". O Paulinho é um xereta!

MÃE - O Paulinho é o Paulo Ricardo?

RUTH - É... O Paulinho...

MÃE - Minha filha, te acostuma a chamar teus coleginhas pelo nome certo. Se a mãe dele deu o nome de Paulinho é porque ela quer que ele seja chamado pelo este nome.

RUTH - Eu não vou na aula.

MÃE - Tu queres ficar burra?

RUTH - Eu não.

MÃE - Então vais à aula.

RUTH - Tá me chamando de burra?

MÃE - Não entendeste bem.

RUTH - Viu... não entendi bem, então eu sou burra!

MÃE - Filhinha, não escutaste direito.

RUTH - Diz que eu sou surda, diz!

MÃE - Estás fazendo confusão.

RUTH - Me chama de louca... vamos, me chama de louca!

MÃE - A mãe só está querendo te ajudar!

RUTH - Me chama de burra, de surda e de louca e ainda diz que quer me ajudar!
(chora)

PAI - (*acalmado*) Querida! Vai ali no armazém e compra um chocolate para ti.

MÃE - Oscar!

RUTH - Dois, tá pai?

PAI - Depois tu vais à aula?

RUTH - Vou.

MÃE - Então compra um para a tua irmãzinha, a Luciana!

RUTH - A Lulu não precisa. Ela é muito pequena.

PAI - Vai, minha filha. E compra um maço de cigarros que o meu terminou.

(*Ruth sai de cena*)

MÃE - A menina está comendo muito, Oscar. Engordando demais, Oscar!

PAI - Deixa a menina crescer em paz.

MÃE - Tu vais ver as filhas que acabarás criando, Oscar!

CENA 6: ESCOLA

"Vamos rezar e ter muito cuidado".

(No escuro começa a ser cantado o hino de porto alegre. Luzes se acendem está formada a sala de aula onde seis alunos estão de uniforme. Caco está entre eles. Uma freira entra e fazem o diálogo cantado, estilo opereta.)

FREIRA - Bom dia queridos alunos.

ALUNOS - (*de pé*) Bom dia querida professora. (*sentam*)

FREIRA - Nossa aula de hoje é muito especial.

ALUNOS - Qual é? Qual é?

FREIRA - Educação sexual!

ALUNOS - Sexual, sexual!

ALUNA 1 - Profê o que é isso?

FREIRA - Isso é um chouriço que vai pela estrada, que vai pela estrada... pela estrada...

ALUNOS - Estrada?

FREIRA - Estrada da vida!

ALUNOS - (*assustados*) Uhh!

FREIRA - Não precisam se assustar pois Jesus está sempre ao nosso lado, nunca vamos cair em tentação, vamos rezar e ter muito cuidado!

ALUNOS - (*fazendo o sinal da cruz*) Muito cuidado, muito cuidado.

FREIRA - Atenção que eu vou lhes contar...

ALUNOS - Nos contar...

FREIRA - Uma historinha que vai nos conduzir...

ALUNOS - Conduzir...

FREIRA - Pelos caminhos da palavra do senhor...

ALUNOS - Do senhor...

FREIRA - De como crescer e se multiplicar!

ALUNOS - Multiplicar, multiplicar... ar... ar... ar. (*simulam um orgasmo*)

FREIRA - A borboleta quando voa pelo céu...

ALUNOS - Tchururu!

FREIRA - Encontra logo um borboleto

ALUNOS - Tchurururu!

FREIRA - E juntos começam a voar pelo jardim...

ALUNOS - Tchururu!

FREIRA - Para uma flor bem cheirosa encontrar.

ALUNOS - Encontrar, encontrar...ar...ar...

(Freira interrompe o "orgasmo". Alunos ficam contrariados)

FREIRA - Quando pousam numa flor bem bonitinha...

ALUNOS - (*sem vontade*) Tchurururu!

FREIRA - A borboleta abre e fecha s asinhas...

ALUNOS - Tchurururu!

FREIRA - E o borboleto pra mostrar que está feliz... levanta e abaixa a sua anteninha!

ALUNOS - Inha, inha...

FREIRA - Depois disso saem juntos a voar...

ALUNOS - (*entusiasmados*) A voar...

FREIRA - A esperar pelo amanhecer...

ALUNOS - Amanhecer...

FREIRA - Naquela flor bonitinha e cheirosa... Uma borboletinha vai nascer!

ALUNOS - Vai nascer, vai nascer...

ALUNA 2 - Professora, com o papai e a mamãe também é assim?

FREIRA - O papai procura encontrar

ALUNO 1 - Encontrar?

FREIRA - Na mamãe a sua borboleta...

ALUNA 3 - Borboleta?

FREIRA - E a mamãe procura despertar...

ALUNO 1 - Despertar?

FREIRA - No papai o seu borboleto!

ALUNA 3 - Professora... onde é que fica a borboleta da mamãe?

FREIRA - Oh, minha filhinha, isto varia muito de lugar. Algumas vezes pode estar na orelhinha e outras vezes pode estar no calcanhar.

ALUNOS - No calcanhar?

FREIRA - (*desenhando no quadro*) Outro dia que coisa interessante a vocês vou confessar que vi... A minha borboletinha é no lugar onde faço xixi!

ALUNOS - É no xixi! É no xixi!

ALUNO 2 - Professora... e onde é que fica o borboleto do papai?

FREIRA - No papai assim como nos meninos o borboleto muda um pouco de jeitinho. Ao invés de conservar suas asinhas, se transforma num lagartinho!

ALUNAS - Ih! Os guris tem lagartinho!

ALUNOS - Ih! E as gurias tem borboleta! Borboletudas!

ALUNAS - Lagartudos!

CACO - Professora! Acho que o meu lagartinho morreu!

FREIRA - O quê?

CACO - É que ele tá duro!

(Caco mostra o lagartinho duro para a freira que desmaia. Luzes se apagam)

CENA 7: CINEMA

"Vocês vão perder o melhor do filme".

(Música instrumental. Espera de cinema. Seis cadeiras na linha da frente do palco. A tela imaginária estará colocada sobre a platéia. Entram as crianças, algazarra. As gurias entram separadas dos guris)

TODOS - *(sentam-se, um tempo, se olham)* Vamos trocar de lugar? *(Trocam. Sentam-se novamente e Paulo dá um cascudo na Ruth)*

RUTH - Esse guri bateu em mim!

PAULO - *(para o guri da fila de trás)* Olha aqui, guri, se tu der nela, eu chamo meus dois irmãos! Meus dois irmãos! *(Caco e Pedro se levantam e encaram o guri. Sentam)*

PEDRO - Paulo, vamos trocar gibi?

PAULO - Vamos. *(saem)*

GABRIELA - Esses guris vêm no cinema e ficam passeando.

RUTH - E a gente tem que ficar guardando lugar.

CACO - Paulo! Pedro! Venham cá que eu tenho uma coisa para contar!

GURIAS - Conta pra nós... *(Pedro e Paulo voltam)*

CACO - Essa semana eu tive aula sabe do quê? *(pausa)* Educação sexual!

ANA - Anh?

CACO - Educação sexual!

RUTH - É aula de pecado!

CACO - Não é sua burra! É de como a gente nasce.

ANA - E como é que é?

GABRIELA - Ué, foi Deus que fez a gente.

CACO - Não! Foi a borboleta! Assim: primeiro veio a borboleta, depois veio lagartinho e depois veio a gente!

GABRIELA - Mas sabe Caco que lá em casa não veio nem lagartinho, nem borboleta. O primeiro que chegou foi o Pedro!

PAULO - Eu sabia que a gente tinha sido era da costela do Adão!

RUTH - Eu pensei que fosse a cegonha!

PEDRO - Eu acho que a gente nasce da barriga da mãe da gente.

PAULO - Mas é assim tudo, é que são vários métodos!

GABRIELA - Decerto cada um escolhe o que gosta mais, né?

CACO - E no fim da aula o meu lagartinho ficou duro.

ANA - Tu tem lagarto?

PAULO - O meu não é lagartinho...

TODOS - O que é?

PAULO - É pinto.

TODOS - *(aliviados)* Ah!

PAULO - Mas lá em casa tem outro bicho também.

TODOS - Qual é?

PAULO - A caturrita!

TODOS - Ai, Paulo!

RUTH - Como é que vocês vão embora quando terminar o filme?

PAULO - De bonde, ora!

GABRIELA - Depois a gente pula e não precisa pagar.

CACO - Mas o Mário vem buscar a gente de Sinca Chambord.

(Gongo dando sinal que vai começar o filme. Luzes em resistência. Crianças olham, para a tela. Gritam, batem pé. Atiram balas para trás e recebem o troco).

GABRIELA - Ai, chicletes não vale!

(Rugido do leão. Diálogos em inglês)

RUTH - As letrinhas estão passando muito ligeiro.

PEDRO - Tu não entende inglês?

RUTH - Não e tu?

PEDRO - Também não!

(Sons de bofetão. Risadas das crianças)

CACO - Essa foi boa.

(Música de suspense. Crianças se assustam. Gabriela faz o sinal da cruz. Quebra para a cavalaria americana, vibração, batem pés. Música romântica, diálogos sugerindo um beijo. Ana levanta-se)

ANA - Ruth, vamos no banheiro?

PAULO - Gurias, vocês vão perder o melhor do filme.

ANA - *(saindo com Ruth)* Eu sei, Paulo. Mas é que eu não agüento mais!

(Luzes descem em resistência)

CENA 8: 1º DE ABRIL

"Diz pro teu pai fazer golpe todos os dias, menos domingo".

(Palco vazio. Ruth joga cinco Marias. Entra Ana)

ANA - Oh, Ruth! Tem uma aranha no teu cabelo!

RUTH - Onde? Tira! Tira!

ANA - Primeiro de abril!

RUTH - Guria chata! Vou contar para a minha mãe!

ANA - É brincadeira Ruth! Não tem aranha nenhuma! Tu não teve aula?

RUTH - Eu não e tu?

ANA - Também não.

(Pedro e Gabriela de uniforme escolar)

RUTH - Pra onde vocês vão?

PEDRO - Pra aula!

ANA - Não tem aula hoje!

PEDRO - Claro que tem!

ANA - Não tem não. Hoje é feriado!

(Entra Paulo no carrinho de lomba)

PAULO - Oba! Hoje é feriado!

PEDRO - Paulo, tu não vai na aula?

PAULO - Hoje é dia dos bobos. Quem vai à aula é bobo!

PEDRO - Tu pensa que eu sou trouxa! Vamos para a aula Gabriela.

GABRIELA - Eu vou ficar aqui com as gurias. Vou brincar de instituti.

PEDRO - Vou contar tudo pra mãe. E tu vai parar lá no fogo do inferno.

GABRIELA - Ih! Depois eu rezo três Pais-nossos e Deus do céu me perdoa.

(Pedro sai de cena. Entra caco brincando com uma metralhadora)

CACO - Rá,tá,tá,tá, ratatata! Tudo o mundo morto! *(entram no jogo morrem)* Bá! Olha só o que tem no joelho da Ruth! *(todos olham)* Primeiro de abril! *(Paulo e caco vibram. gurias ficam brabas.)*

RUTH - *(chora)* Guri chato! Vou contar pra minha mãe! *(sai)*

CACO - *(para Paulo)* Deixa eu dar uma voltinha no teu carrinho?

PAULO - Primeiro empurra.

CACO - Primeiro ando.

PAULO - Então, par ou ímpar?

CACO - Par. Ganhei.

PAULO - Quem ganha empurra!

CACO - Quem ganha anda!

PAULO - Mas o carinho é meu.

(Caco empurra Paulo. Gabriela e Ana brincam. Ruth volta)

RUTH - Eu ouvi a minha mãe dizer lá em casa que não teve aula porque teve golpe militar.

CACO - O que é isso?

PAULO - É que nem revolução.

CACO - E que é revolução?

PAULO - É quem guerra.

GABRIELA - Mas como é que tem guerra se não tem soldado e nem bomba?

CACO - É mentira da Ruth! Ruth mentirosa. *(Paulo se junta fazendo um coro)* Ruth é mentirosa!

(Paulo empurra o carinho e caco dirige para cima de Ruth)

RUTH - Eu vou expulsar vocês todos do colégio.

PAULO - Tu nem manda, viu?

RUTH - Eu não mando, mas a minha mãe manda. Ela é diretora do colégio. Eu vou mandar ela expulsar vocês todos!

GABRIELA - *(preocupada)* Nós também?

RUTH - Vocês não.

CACO - Eu estudo no Anchieta!

GABRIELA - Anchieta cara de lambreta!

CACO - Vou te dar um fundação.

PAULO - Se golpe não é guerra... o que é então?

GABRIELA - *(para Ana)* Pergunta pro teu pai.

PAULO - Ele é milico! Ele deve saber.

CACO - Ele tá em casa agora?

ANA - Pois faz duas semanas que ele não vai lá em casa.

RUTH - A culpa é dele, então. A culpa é dele da gente não ter aula hoje!

ANA - E tu queria ter aula?

RUTH - Não.

ANA - Então ele é bonzinho!

RUTH - Ele pode fazer isso sempre?

GABRIELA - Ana, diz pro teu pai fazer golpe todos os dias, menos domingo, tá?

CACO - Bá! O sapato da Gabriela tá furado!

GABRIELA - Onde?

CACO - Primeiro de abril.

ANA - Não é primeiro de abril! É que ela é pobre.

GABRIELA - O sapato que a minha priminha me deu.

PAULO - Depois eu colo com Araldite, tá?

PEDRO - *(voltando)* Não tinha aula mesmo!

GABRIELA - Viu, viu, viu cara de pavio. Vamos brincar?

RUTH - De quê?

GABRIELA - A calçada é minha não é do dono.

CACO - Eu sou o dono.

(Brincam. Até que caco pega a Ruth. Ela tem dificuldade de pegar os outros)

GURIS - Ruth bolota nariz de compota! Ruth bolota nariz de compota!

GURIAS - Caco cagado. Caco cagado.

GURIS - Ana banana. Ana banana.

CACO - Gabriela cara de panela!

(Gabriela pára tudo. Arregaça as mangas e vai até o caco encarando)

GABRIELA - Vem cá se tu é homem.

CACO - Eu vou.

GABRIELA - *(ela foge)* Não intica, tá?

PAULO - *(para Ana)* Tem um sapo no teu pé! *(ela não olha)* Primeiro de abril!

RUTH - Ela nem olhou!

ANA - Banana é tu! Eu nem olhei!

(Caco tira a blusa da Ana. Atira para Pedro. Fazem as gurias de bobinho. Elas tentam pegar e não conseguem)

GABRIELA - Caco, se tu devolver o blusão da Ana... eu te dou um beijo!

PEDRO - Gabriela! Eu vou contar para a mãe!

CACO - Dá tu primeiro.

GABRIELA - Não, dá tu.

(Caco corre e beija a Gabriela. Paulo vai no embalo e beija também. Caco volta e a beija de novo. Paulo tenta repetir o mesmo gesto. Gabriela corta)

GABRIELA - Tu não tá? Bocó!

(Gabriela devolve o blusão para Ana)

PAULO - *(magoado pela rejeição)* Eu nem queria mesmo. *(irritado)* Tu é bem galinha!

(todos se espantam com a ofensa. Suspense. Gabriela se aproxima dele)

GABRIELA - Por acaso, já me viu rodeada de pintinho, é?

(Gargalhada das gurias. Paulo sem saber o que fazer, encabula. Gurias cochicham e riem. Paulo e caco se olham tentando entender do que elas riem. Pedro se aproxima das gurias para ver o que é. Gabriela e Ana se aproximam de Paulo)

ANA - Galinha é tu... Pois tu que tem ovo!

GABRIELA - Tem dois!

PAULO - E tenho um pinto chocando os ovos! *(mostra para as gurias, elas gritam entre espanto e curiosidade. Luzes se apagam)*

CENA 9: MARCHA SOLDADO

"Silêncio! Está proibida de falar neste assunto!"

RÁDIO - Atenção para as últimas notícias. Porto Alegre urgente...

(Ana entra em casa. Mãe preocupada ouvindo o rádio)

ANA - Mãe...

MÃE - Psiu! Tua mãe está preocupada, Ana, por favor não me incomoda! O que tu queres?

ANA - Foi o pai que deu o golpe?

MÃE - Que golpe?

ANA - Os meus amigos me disseram que...

MÃE - Ana! Tu está proibida de falar neste assunto!

ANA - Cadê o pai?

MÃE - Está trabalhando.

ANA - Onde?

MÃE - E onde é que teu pai trabalha, Ana?

ANA - No quartel.

MÃE - Vai para o teu quarto te arrumar. Vai, Ana!

ANA - Mas eu tô arrumada!

MÃE - *(gritando)* Vai para o teu quarto!

(Ana sai resmungando. Ameaça bater na mãe. Volta o som do rádio. Mudança de luz. Na rua, caco, Paulo e Pedro)

PAULO - Eu estava com o taco bem na casinha!

MÃE DO CACO - Caco, meu filho, vem pra casa.

CACO - Eu tô brincando com os guris.

MÃE DO CACO - Pois agora tu vais ter que viajar. Entra no carro e nem um pio que o teu pai está muito nervoso.

(Caco sai de cena com a mãe)

PAULO - Onde é que o Caco foi?

PEDRO - Foi fugir.

PAULO - Fugir pra onde?

PEDRO - Não sei. Meu pai foi na tua casa ontem?

PAULO - Foi? Não sei.

(Ruth entra, nervosa)

PAULO - Oh! Onde é que tu estava?

RUTH - Eu estava na janela do meu quarto... E vi quando a polícia chegou e levou o teu pai...

PEDRO -... É primeiro de abril!... Diz que é primeiro de abril!

(Ruth nega com um leve movimento de cabeça)

PEDRO - Vai lá pra tua casa, Pedro...

PAULO - E a Gabriela?

RUTH - Ela já foi.

PEDRO - Então eu também vou... *(sai)*

PAULO - Eu também vou... *(sai)*

RUTH -Tchau...

(Ruth sai. Luzes se apagam. Cena na casa do Paulo)

PAULO - Mãe, a polícia prendeu o pai do Pedro!

MÃE DO PAULO - Eu sei.

PAULO - E o pai?

MÃE DO PAULO - Por que está perguntando pelo teu pai, Paulinho?

PAULO - O pai também foi preso?

MÃE DO PAULO - Claro que não, meu filho, não diz uma coisa destas. Não te preocupa, tá?

(Mãe de Paulo senta, o filho coloca a cabeça sobre seu colo. Silêncio. Começa a cantar. Voltam caco e a sua mãe, depois ana, Pedro e Ruth. Todos num clima de apreensão cantam marcha soldado, num tom sincopado, melancólico.)

Marcha soldado
Cabeça de papel
Se não marchar direito
Vai preso no quartel
Quartel pegou fogo
Francisco deu o sinal
Acuda acuda acuda
A bandeira nacional

(Luzes se apagam)

(Anos 70)

CENA 10: REUNIÃO DANÇANTE

"Me abraça mais forte." ou "Eu sou o Paul MacCartney!"

(Entra canção "eu te amo meu Brasil" interpretada pelos "os incríveis" mixados com gols do Brasil na copa de 70. Adolescentes)

LUCIANA - *(com um "questionário")* Olha só o que está escrito aqui!

ANA - Meu questionário!

LUCIANA - O que que tem? Só porque diz aí que tu gosta do Pedro e tu do Caco? Vou contar pra mãe.

RUTH - Eu é que vou contar pra mãe! Tu fica mexendo no que é dos outros! E tu não vem mais junto!

LUCIANA - Daí tu também não pode vir.

ANA - Ruth, não dá bola para ela e me ensina a dançar!

RUTH - É assim.

(Ensina a "dança do momento". Entra Torugo, calça boca-de-sino, blusa cacharél curta com barriga de fora)

TORUGO - Bati lá em cima e tua mãe falou que a reúna era aqui embaixo.

ANA - Que bom que tu veio.

TORUGO - Eu queria beber alguma coisa.

ANA - Ali em cima da mesa tem refrigerante.

TORUGO - Só tem refrigerante?

ANA - Atrás da porta tem cuba-libre, mas é segredo.

TORUGO - Papo firme.

LUCIANA - Eu ouvi.

(Pedro chega. Toca "era um garoto que como eu amava...". Ele também com um boca-de-sino enorme)

ANA - Por que é que a Gabriela não veio?

PEDRO - Ela está com a mãe que não pode ficar sozinha. Mas eu trouxe um refrigerante!

ANA - Eu quero te apresentar um amigo. Torugo, Pedro. Pedro, Torugo.

TORUGO - Vitor Hugo. Torugo pros guris e Tarugo pra elas! *(gesto com dedo mínimo)*

LUCIANA - O que é tarugo?

PEDRO - Eu acho que te conheço.

TORUGO - Tu não estuda no Rosário?

PEDRO - Não, mas tu não está sempre na saída do Sevigné?

TORUGO - Às vezes. Às vezes! *(olha para a boca de sino)* Acho que a minha boca é maior que a tua.

PEDRO - A minha é quarenta!

(Música para entrada do caco. Calça Lee com nesga.)

CACO - Oi.

ANA - Que bom! Caco quero te apresentar uma amigo. Caco, Torugo, Torugo, Caco.

TORUGO - Torugo pros guris e tarugo pra elas.

LUCIANA - Ai de novo! Que guri chato... Torugo pros guris, tarugo pra elas... *(imita)*

(Entra Betiranha. Música "coruja". Ela veste uma mini-saia e mini blusa e masca chicletes)

BETIRANHA - Oooiiii! *(Ruth se aproxima)* Tu é a....

RUTH - Ruth.

BETIRANHA - Eu sou a Beti. *(dá um abano para os gurus)* Tu que é a Ana?

ANA - Sou.

BETIRANHA - É tu que vai embora?

ANA - É.

BETIRANHA - Legal!

(Betirinha dá um rodopio e vai em direção ao gurus. Luciana imita e quase cai.)

LUCIANA - Eu sou a Luciana, viu?

ANA - Quem é ela?

RUTH - Não sei. Sei que ela sempre fura as reuniões dançantes.

ANA - Mas como é o nome dela?

PEDRO - Ela mora na rua de cima.

RUTH - O apelido dela é Betirinha.

PEDRO - Essa que é Betirinha?

ANA - Que entusiasmo, Pedro!

PEDRO - Não... é que eu sempre ouvi falar dela e agora a estou tendo o prazer de conhecê-la....

ANA - Vamos dançar?

LUCIANA - Dança comigo, Caco?

CACO - Tu é muito pequena.

LUCIANA - Ah, é sempre assim! Sempre assim.

(Luciana sai furiosa. Começa a tocar "Do you wanna a dance?". Pedro se aproxima de Ana, cria coragem, Ana se vira e ele desiste. Pedro se aproxima de caco, fazem sinais de incentivo um para o outro. Caco vai até a Ruth. Quando ela se vira ele dá uma pausa e passa reto. Fazem sinais e decidem ir os dois juntos)

CACO/PEDRO - Vamos dançar?

ANA/RUTH - Vamos.

(Quando vão dançar, termina a música)

PEDRO - *(sem jeito)* Terminou a música.

BETIRANHA - Vocês não querem salgadinhos?

PEDRO - *(interessado)* Eu quero. *(Ana o puxa para o lado)*

BETIRANHA - *(insinuante para o caco)* Tu queres, Caco?

CACO - Quero... *(vai pegar e puxado pela Ruth)*

(Fazendo uma rodinha de dança: Caco, Ruth, Ana e Pedro. Betirinha e Torugo noutra canto)

ANA - Não queria ir embora.

RUTH - Nem a gente queria que tu fosse.

ANA - Eu vou sentir tanta saudades.

RUTH - Primeiro foi o Paulo a ir embora. Agora vai tu....

ANA - Toda a turma indo embora.

PEDRO - Nossa turma está se indo, terminando. *(para Ruth)* O presente. *(Pedro busca o presente)* Ana, um presente de toda a turma para ti.

ANA - Um disco! Vocês assinaram? Eu vou colocar.

(Pausa musical para que Ana coloque o disco)

BETIRANHA - Por que a Ana vai embora?

TORUGO - Parece que o pai dela foi transferido pra Brasília.

(Música. "Can't buy me love", Beatles. Caco fica alucinado)

CACO - bá beatles!!

(Corre até uma cadeira e começa a tocar uma bateria invisível. Torugo toca guitarra com o braço esquerdo)

PEDRO - Oh, cara, tá errado. A guitarra é com a direita.

CACO - Do outro lado.

TORUGO - Eu sou o Paul McCartney, tá carinha! Qual é?

(Ana e Ruth de um lado da cena olhando para Betirinha que dança de forma escandalosa)

RUTH - Olha só o tamanho do vestido dela!

ANA - Faltou fazenda na casa dela.

(Betirinha se coça e mostra as calcinhas)

RUTH - Olha só jeito que ela se coça!

ANA - Apareceu até a alma!

(Luciana entra correndo)

LUCIANA - Ana, a tua mãe disse que é pra botar mais luz aqui e pra baixar o volume que os vizinhos estão reclamando. *(Caco dá um puxão de cabelos)* Ai, guri!

PEDRO - O que foi?

LUCIANA - Não gosto que peguem no meu rabo.

(Música: "i am so happy")

TORUGO - Essa é boa.

(Começam a dançar freneticamente. Ana dança com Pedro, Beti com Torugo, Ruth com Caco. Luciana não dança com ninguém.)

RUTH - O que é que tu está olhando pra lá, heim?

CACO - Estava olhando para a Ana.

RUTH - Tu não tira os olhos desta Betirinha.

(Ana dança de costas para Pedro, quando se vira ele está dançando com a Betirinha)

ANA - Hoje eu vou tomar um porre.

(Toma um gole e sai decidida. Pedro se dá conta e vai atrás. Beti pega Pedro no caminho)

BETIRANHA - Depois quero dançar contigo, Moreirão!

PEDRO - Mas, Ana, o que houve? Por que isso?

ANA - *(tomando mais um gole)* Despedida!

PEDRO - Mas eu só estava aprendendo um passo...

(Ana sai em direção ao outro lado da cena. Pedro tenta segui-la. Betirinha o alcança)

BETIRANHA - Vem que eu te ensino outro...

(Ana fica definitivamente furiosa. Pedro e Beti dançam. Ana se insinua para Torugo. Pedro agora fica com ciúmes. Se mete no meio dos dois. Torugo toma frente e Pedro que responde comum encontrão)

PEDRO - O que foi?

TORUGO - O que foi o quê?

LUCIANA - Oba! Vai ter briga.

TORUGO - Eu tava dançando com a mina...

PEDRO - Mina é a tua mãe.

TORUGO - Não bota a mãe no meio que eu boto no meio da tua.

LUCIANA - Põe a mãe! Põe a mãe!

(Torugo levanta um cadeira. Caco parte em auxílio de Pedro tentando acertar Torugo com um pontapé. Betiranha que já olhava para o caco o segura rápido e lhe dá um beijo na boca. Caco estatiza. Beti e caco se beijam demoradamente. A discussão vai cedendo até todos se darem conta do beijo. Silêncio. Luciana se aproxima curiosa, indiscreta. Caco dá uma pisada no pé sem para de beijar. Ela dá um grito contido e vai saindo de cena. Música do Roberto Carlos.)

PEDRO - Vamos dançar, Ana?

BETIRANHA - Vamos lá fora?

(Ela sai abanando "calor". Caco ajeita as calças como se estivesse bem excitado. Ruth e Torugo saem de cena)

ANA - Eu não queria ir embora!

PEDRO - A gente vai se encontrar de novo, não é, Ana?

ANA - *(concorda)* Pedro, me abraça mais forte?

(Pedro abraça Ana. Corpos se adaptam um ao outro. Sem querer o braço de Pedro levanta um pouco o vestido dela. Ana ajeita com certo embaraço. Luzes descem o mais lento possível de modo a gravar para sempre na retina, aquela imagem.)

CENA 11: NAMORO NO CARRO

"Tu me beijou e ainda não me pediu em namoro!"

(Entra Pau'Renato. Assobia e sai. Entra Torugo também assobia, procura por Pau'Renato. Este aparece por trás e assobia bem forte. Torugo se assusta)

TORUGO - Onde é que tu estavas?

PAU'RENATO - Estava ali, mijando no muro!

TORUGO - Vamos até ali empurrar o carro.

PAU'RENATO - O quê? Estragou?

TORUGO - Não, Pau'Renato! O pai só foi dormir agora. Tem que tirar o carro sem fazer barulho. Entendeu?

PAU'RENATO - Mas vem cá, carinha. Teu velho não te emprestou o carro?

TORUGO - Claro que não, Pau'Renato! Ainda por cima me deu a maior bronca. *(imita o pai)* Onde é que já se viu? Sem carteira! E se a polícia te pega?

PAU'RENATO - E se a polícia te pega?

TORUGO - Não vai pegar Pau'Renato! Sou braço!

PAU'RENATO - O esquema está certinho?

TORUGO - Não tem furo, nem que a vaca tussa!

PAU'RENATO - Então tá legal. Vai ficar só nós dois no carro, certo?

TORUGO - Certo!

PAU'RENATO - Quando eu falar assim "será que não tem cachorro quente por aí?", certo?

TORUGO - Certo!

PAU'RENATO - Daí tu sai do carro e me deixa com a mina, certo?

TORUGO - Errado, Pau'Renato! Eu é que falo do cachorro quente e tu fala do tempo, certo?

PAU'RENATO - Certo! Assim "eu acho que vai chover!", certo?

TORUGO - Certo. Depois a gente troca!

PAU'RENATO - Depois a gente troca!

TORUGO - Pau'Renato. eu tô com uma tesão!

PAU'RENATO - E eu então, carinha!

TORUGO - Há um mês ali, descascando ovo, descascando ovo!

PAU'RENATO - Eu estava assim na semana passada. Daí pintou uma dosa nova e ela ficou dando banda, dando banda,dando banda... quando ela deu uma chance eu agasalhei o croquete.

TORUGO - Vamos embora Pau'Renato senão eu me acabo aqui mesmo!

PAU'RENATO - Vamos carinha!

(Luzes se apagam. Foco noutro lado da cena. Quarto de Ruth)

VERA - *(de fora)* Ruth!

RUTH - Oi, entra.

VERA - São quase sete horas.

RUTH - Tu está pronta?

VERA - Mais ou menos, e tu?

RUTH - O que tu acha?

VERA - Tá legal, mas teu sutiã está aparecendo.

RUTH - Arruma, arruma!

VERA - Estou arrumando. Vê se meu Modess está marcando?

RUTH - Não.

VERA - Posso dar uma olhada nas tuas roupas?

RUTH - Pode. Vera, faz tempo que tu menstruou?

VERA - Eu tinha treze, mais de dois anos... E tu?

RUTH - Pra mim demorou um pouquinho...

VERA - Foi é?

RUTH - A mãe até me levou no médico, mas eu fui porque ela insistiu... eu nem estava preocupada...

VERA - É mesmo?

RUTH - Mas agora já veio.

VERA - Veio?

RUTH - Faz um tempão... dois meses!

VERA - Deixa eu me pintar? Sabe a minha mãe não deixa eu comprar pintura!

RUTH - Pode usar. Vera, tu gosta do Pau'Renato?

VERA - Gosto.

RUTH - E vocês já são namorados?

VERA - Olha, ele não me pediu assim em namoro, né...

RUTH - Mas ele já te beijou, né?

VERA - Já.

RUTH - Com língua ou sem língua?

VERA - Com os dois.

RUTH - E é bom?

VERA - É. Tu nunca beijou?

RUTH - Já... quer dizer, só assim... no rosto.

VERA - Não, eu digo assim, beijo de guri com guria?

RUTH - Onde foi que tu aprendeu?

VERA - Na mão, oh!

(Vera mostra beijando a própria mão. Ruth põe a língua de fora, acompanhando o movimento de Vera)

RUTH - Vera, tu acha que o Torugo vai me pedir em namoro?

VERA - Disseram que ele gosta de ti e está a fim de te beijar.

RUTH - Só deixo se ele me pedir em namoro.

VERA - E tu vai aceitar na hora?

RUTH - Não sei, o que tu achas?

VERA - Eu acho que com o Torugo é bom tu te fazer de difícil.

RUTH - Eu vou pedir um tempo para pensar.

(Entra Luciana)

LUCIANA - Pensar em quê?

RUTH - Nada. Como é que tu vai entrando no quarto dos outros sem pedir?

LUCIANA - Eu estava ali atrás da porta faz um tempão.

RUTH - E ficou escutando, né?

LUCIANA - Eu não estava escutando nada. *(para Vera)* É verdade que tu já beijou? Com língua ou sem língua?

RUTH - Não estava escutando nada, não é?

LUCIANA - Não estava escutando nada, tá Ruth! *(para Vera)* É que o pai disse que quem beija com língua é ta-ra-do!

RUTH - Sai daqui!

LUCIANA - Vocês vão sair, né?

RUTH - Vamos, sim!

LUCIANA - A mãe já sabe, né?

RUTH - Sabe.

LUCIANA - Pois ela disse que tu só vai sair se eu for junto.

RUTH - Tu foi te oferecer!

LUCIANA - Ela que quis. Foi ela que mandou.

RUTH - Sai daqui!

LUCIANA - Olha, Ruth, vou contar pra mãe. *(ameaça sair)*

VERA - *(impedindo que Luciana saia)* Pra tua mãe, não! Ruth, se ela falar com a tua mãe tua não sai!

RUTH - Lulu, sabe aquele copo de chicletes com açúcar que está na geladeira? Eu dou tudinho pra ti, se tu não fores...

LUCIANA - Ih! No meu copo já tem seis!

RUTH - Eu faço os temas pra ti.

LUCIANA - Eu vou porque eu quero ir, tá?

(Ruth dá um beliscão na Lulu)

LUCIANA - Ai, ai, ai! Agora eu vou contar pra mãe.

VERA - *(bloqueia a porta)* Não Lulu.

RUTH - Tá bom! Tu vai! Puta que o pariu que merda!

LUCIANA - Ai, Ruth, que baita palavrão! Olha só *(separando as sílabas)* Pu-ta-que-o-pa-riu-que-mer-da! Grandão, heim?

(Luzes se apagam. Geral azul, noite, quatro cadeiras onde será encenando carro)

TORUGO - Pau'Renato! Vê se tem guardinha por aí?

PAU'RENATO - Aqui tá barra limpa. O Belo deve estar na rua de cima.

TORUGO - Então vamos embora. *(entram no carro)* Viu que chutaram o brucutu?

PAU'RENATO - Foi o Wilsinho, cara! Ele e o Lize chutaram todos os brucutus da zona.

TORUGO - Eu queria ter uma igual ao do Roberto Carlos!

PAU'RENATO - Qual?

TORUGO - Aquele de ouro! *(carro sai aos solavancos)*

PAU'RENATO - Tu sabe dirigir?

TORUGO - Claro que sei, Pau'Renato. Esse aqui é o carro da mãe. Não tô acostumado com a embreagem!

PAU'RENATO - Então quem sabe eu dirijo?

TORUGO - Claro que não, Pau'Renato. Eu sou o Clay Regazzoni dos pampas.

PAU'RENATO - Vou ligar o rádio.

TORUGO - Liga baixinho que eu gosto de escutar o ronco do motor.

(Música "Hey boy", com os mutantes. Eles enxergam uma mulher)

TORUGO - Olha ali, Pau'Renato.

PAU'RENATO - Bá, encosta o carro. *(para. mulher passa perto, não sabe o que falar)*
Diz alguma coisa.

TORUGO - ... Aí... Tijolinho da minha construção! *(saem cantando pneu)*

PAU'RENATO - Ali, a esquerda. *(carro pára)* Buzina!

TORUGO - Buzina é coisa pra bagaceiro! Vai lá e chama as gurias!

PAU'RENATO - Eu não. Vai tu. *(se arrumam cada um se olhando no espelho retrovisor)*

TORUGO - Tá com medo, Pau'Renato!

PAU'RENATO - Sabe quem é a mãe dela?

TORUGO - Quem?

PAU'RENATO - A diretora do colégio.

TORUGO - Aquela velha chata?

PAU'RENATO - Ela mesma. Aquela de óculos borboleta!

TORUGO - Então vou buzinar! *(buzina com força, as gurias aparecem)*

VERA - Oi, Torugo! Pau'Renato!

PAU'RENATO - Vera...

RUTH - Oi, Torugo... Esta á a Luciana...

TORUGO - Ah, é mesmo?

RUTH - É minha irmã...

TORUGO - Ah, legal!

RUTH - Ela vai com a gente!

TORUGO - Ah... não!! *(para o amigo)* Pau'Renato, a vaca tá tossindo!

LUCIANA - Como é o nome dele?

PAU'RENATO - O meu é Pau'Renato!

LUCIANA - O dele eu me lembro. É Torugo, tarugo... Lembra na festa da Ana quando ela foi embora? Eu estava lá, lembra de mim?

TORUGO - Eu? *(entram no carro)*

LUCIANA - Ruth, eu quero ficar junto contigo.

TORUGO - Entra na frente. Eu ponho a almofadinha!

LUCIANA - Não vai me deixar cair, heim?!

TORUGO - Pode deixar! *(bate a porta com fora. Lulu grita)*

VERA - Tu sabe dirigir?

PAU'RENATO - O carro é da mãe dele. Não está acostumado com a embreagem.

TORUGO - Vou tirar a carteira o mês que vem.

VERA - Superbacana!

TORUGO - Pra onde nós vamos?

PAU'RENATO - Pra... Ipanema, carinha!

TORUGO - Boa.

LUCIANA - Ah, Ruth, este balanço do carro... já tô ficando com sono.

RUTH - *(irritada)* Deita no meu ombro e dorme.

LUCIANA - Vamos voltar pra casa.

RUTH - Agora não dá. Foi tu que quis vir junto.

LUCIANA - Então vai mais devagar! Não balance tanto esta coisa.

TORUGO - Qual é de trazer esta guriuzinha?

RUTH - Se ela não vem junto eu não posso sair.

LUCIANA - É.

TORUGO - Já vamos chegar *(para o carro. Pausa. Observam)*

RUTH - Não é perigoso aqui?

TORUGO - A Prainha? É super segura.

RUTH - Aqui que é a Prainha?

TORUGO - *(algo ciumento)* É, por quê? Tu já conhecia?

RUTH - Não, é a primeira vez que eu venho aqui.

LUCIANA - E estes autos aí parados?

TORUGO - Estão vendo a paisagem, Lulu!

LUCIANA - Como é que vão ver a paisagem no escuro?

VERA - Será que ela não se acalma se comer alguma coisa?

TORUGO - "Será que não tem cachorro quente por aí?"

LUCIANA - Bububu! Não gosto de cachorro quente.

VERA - Nós vamos ter que ir embora!

LUCIANA - Vamos tomar sorvete então.

TORUGO - *(saindo do carro)* Pau'Renato, dá uma chegadinha aqui. Acho que o pneu está murcho.

PAU'RENATO - *(saindo)* O que houve com o pneu aí, carinha?

TORUGO - Não houve nada com o pneu! O que é que a gente vai fazer com esta guriazinha?

PAU'RENATO - Afogar ela no Rio Guaíba!

TORUGO - Tu e tuas idéias! Seguinte, parece que tem uma sorveteria dobrando a esquina. Lá elas lá, Pau'Renato.

PAU'RENATO - Tá legal. Depois a gente troca.

TORUGO - Claro, cara!

PAU'RENATO - Luluzinha, vamos ali na esquina tomar um sorvetinho?

LUCIANA - Oba. Tu não vai Ruth?

RUTH - Não.

LUCIANA - *(correndo)* Onde é que é?

VERA - Espera, Luciana, espera por nós. *(saem Vera, Pau'Renato e Luciana)*

TORUGO - Gosto do auto?

RUTH - Legal.

TORUGO - Estes bancos são reclináveis... *(baixa os bancos rapidamente, Ruth se assusta)* O pai disse que se eu passar no vestibular vai me dar uma auto. Acho que vou pedir um Corcel... cor de mel... com umas talas... e um som a fusel... *(tenta se*

aproximar para ficar numa posição favorável. Coloca o braço sobre o ombro, retira, coloca de novo. se espreguiça, olha para o lado) Acho que eles acharam a sorveteria...

RUTH - Onde? Não Tô vendo nada.

TORUGO - Ali.

RUTH - Não estou vendo nada.

(Ruth olha para trás. Quando volta Torugo lhe dá um beijo na boca. Ela se debate mas aos poucos relaxa. Ela abraça Torugo. Ele tenta esticar o braço para alcançar o seio de Ruth. Ele tenta também colocar a perna sobre ela, a boca de sino prende na apalanca. Beijo se prolonga. Depois se separam, exaustos, relaxam)

RUTH - Acho que engoli meu chicletes *(Torugo se dá conta que está mascando o chicletes dela)*

TORUGO - Os vidros ficaram embaciados, né?

RUTH - Tu me beijou e ainda não me pediu em namoro...

TORUGO - Eu... eu... preciso um tempo pra pensar. (VOLTAM)

PAU'RENATO - E aí, carinha? "Eu acho que vai chover!"

LUCIANA - Nem tem nuvem no céu!

TORUGO - Ruth, vamos ali tomar um refrigerante.

(Vera e Pau'Renato se preparam para namorar)

RUTH - Vamos, Lulu.

LUCIANA - Eu não vou. *(entra no carro)*

TORUGO - Lulu, vamos tomar um refrigerante.

LUCIANA - Não vou. Tô cansada de caminhar, caminhar pra tomar um sorvetinho deste tamanho. Eu não vou.

PAU'RENATO - *(gritando)* Tu vai tomar um sorvetinho.

LUCIANA - Eu já disse que não vou tomar sorvete! Que coisa!

TORUGO - Tudo bem, tudo bem! Então nós vamos embora.

LUCIANA - Vamos.

PAU'RENATO - Não! Pára aí, carinha! Eu acho que vai chover!

LUCIANA - Esse guri só fala em chuva!

TORUGO - Deixa chover, Pau'Renato!

PAU'RENATO - Então vamos para o Morro da Televisão!

LUCIANA - Tem televisão, lá?

PAU'RENATO - Tem.

LUCIANA - Então podemos ir. *(carro parte)*

VERA - O que é aquilo?

(Sirene da polícia. Perseguição. Torugo dobra a esquina e sirene some. Luciana, com o movimento do carro, sente-se mal, vomita)

RUTH - Agora sim vamos ter que ir embora.

PAU'RENATO - Pára o carro, Torugo, ela está vomitando tudo!

(Confusão geral. Carro pára. Torugo e Pau'Renato saem. Vera e Ruth ajudam lulu a se limpar)

TORUGO - Puta que o pariu, Pau'Renato!

PAU'RENATO - Vomitou tudo ali atrás, carinha!

TORUGO - Olha, Pau'Renato, eu tô a fim de deixar essas minas irem a pé pra casa.

PAU'RENATO - Mas não dá, carinha, estas minas são família! Não são galinhas!

TORUGO - Vamos embora, Pau'Renato! (ENTRAM NO CARRO) Olha aqui, o seguinte assim, eu vou levar vocês pra casa, tá? Mas tu aí, guriuzinha, nem um pio!

VERA - Senta direito Lulu.

(Carro parte, mau cheiro provoca mal estar. Mau humor geral. Torugo irritado liga o rádio, procura sintonizar uma emissora, não acha nada e desliga. Acelera. Freia com força.)

TORUGO - Estão entregue! *(Vera, Ruth e Lulu saem do carro)*

VERA - Tchau, Pau'Renato....

PAU'RENATO - *(desolado)* Tchau, Vera...

RUTH - Desculpe, Torugo...

LUCIANA - Eu adorei o passeio, viu guris? *(Tortugo fecha o vidro na cara da lulu)*

TORUGO - *(sai cantando pneu)* Que merda heim Pau'Renato?

PAU'RENATO - Não reclama, não reclama. Tu ainda te garfiou com a Ruth. Eu fiquei ali no "será que vai chover? Será que vai chover?" E tu nada, carinha!

TORUGO - Queria que fizesse o quê? Com aquela guriazinha de chá de pêra? Ainda por cima, uma vomitadeira!

PAU'RENATO - Bá, não é um guardinha na frente da tua casa? *Torugo pára o carro, desliga os faróis)*

TORUGO - Pau'Renato... me ajuda a empurrar o carro sem fazer barulho.

PAU'RENATO - Agora não adianta mais. Já deve estar todo o mundo sabendo. Estão bem em frente da tua casa.

TORUGO - O que que eu vou dizer, Pau'Renato?

PAU'RENATO - Sei lá. Diz a verdade.

TORUGO - Tá louco?

PAU'RENATO - Aquele velho papo. A gente é homem, a gente precisa descarregar... e hoje em dia quem é que come alguém sem carro?

TORUGO - É... mas nós não comemos ninguém, Pau'Renato.

PAU'RENATO - Diz pro teu velho que a gente comeu. Daí eu acho que ele aceita.

TORUGO - Tu acha?

PAU'RENATO - Acho, claro, moleza, não tem nenhuma!

TORUGO - Então tu vai junto! Foi tu que teve a idéia.

PAU'RENATO - Mas carinha, eu tenho uma aula de OSPB!

(Mudança de luz. Pai de Torugo ao telefone.)

PAI - Alô, não, não... fala direto com o Guimarães... tem que resolver isso agora... quero este guri em casa hoje!

TORUGO - Pai, preciso falar com o senhor...

PAI - *(ao telefone)* Um momentinho só, por favor. *(para o filho)* O que foi?

TORUGO - Sabe o que é, pai... é que eu o a Pau'Renato... nós somos homens, o senhor entende?

PAI - Vitor Hugo, tu interrompes o telefonema para me dizer que nós somos homens?

PAU'RENATO - ...descarregar...

TORUGO - Eu e o Pau'Renato, nós somos homens, então nós precisamos descarregar, descarregar, descarregar... aí o carro da mãe estava ali parado...

PAI - E descarregaram o quê do carro da tua mãe?

TORUGO - (*pensa*) O que estes guardinhas estão fazendo aí na frente?

PAI - Esses guardas, Vitor Hugo, vieram me comunicar que prenderam teu irmão numa passeata no Centro, hoje. Ele estava na frente de Prefeitura queimando uma bandeira dos Estados Unidos. (*volta ao telefone*) Alô, eu quero este menino fora da prisão ainda hoje!

TORUGO - Tudo errado, Pau'Renato, certo?

PAU'RENATO - Certo!

(*Luzes se apagam*)

CENA 12: O SONHO

"Adianta lutar sozinho?" ou "Tua calça de brim está no arame, vai buscar."

(*Mudança de cena. Casa de Pedro. Dona Elvira costurando. Pedro chega. É noite*)

DONA ELVIRA - Pedro, isso é hora de chegar?

PEDRO - A mesma hora de sempre.

DONA ELVIRA - Tu sabes que eu não durmo enquanto tu não chegas?

PEDRO - Mãe, tu sabe que esta luz é fraca, faz mal para os olhos. Mania de costurar no escuro.

DONA ELVIRA - Eu sei, a Gabriela já me falou.

PEDRO - Então, precisa te cuidar mais.

DONA ELVIRA - Tu estás com fome?

PEDRO - Estou.

DONA ELVIRA - Vou fazer alguma coisa.

PEDRO - Não precisa.

DONA ELVIRA - Que fome é essa então?

PEDRO - *(pausa)* Mãe, o que a gente faz quando não tem mais nada pra fazer?

DONA ELVIRA - Não sei...

PEDRO - A gente fica parado... dorme... não faz nada.... ou faz alguma coisa? *(silêncio)*
O mesmo silêncio de sempre, ninguém responde. Por quê?

DONA ELVIRA - Filho, o que a gente responde quando não tem nada para responder?

PEDRO - É isso que eu quero saber! Sabe o que foi que descobri? Que a vida do pai não foi inútil. As pessoas continuam lutando e gritando.

DONA ELVIRA - Gritar o quê? Ninguém ouve. O que tu estás procurando, meu filho? O que tu queres?

PEDRO- Eu quero não te ver costurar até a essa hora da noite. Eu quero não precisar contar os centavos no fundo do bolso. *(pausa)* Eu vou embora.

DONA ELVIRA - Ir embora não adianta.

PEDRO - Quer que eu fique aí, estudando e trabalhando, pra quê?

DONA ELVIRA - Olha a tua irmã? Ela está estudando, vai ser médica, vai ser alguém...

PEDRO- Pra quê?

DONA ELVIRA – Pra ter a vida que nós não tivemos.

PEDRO - Ela está passando para o outro lado.

DONA ELVIRA - Que lado?

PEDRO - O lado deles.

DONA ELVIRA - O lado dos que vivem.

PEDRO - Não adianta remendar, o buraco é muito grande. *(PAUSA)* Tenho sonhado muito com o pai...

DONA ELVIRA - Teu pai sonhou e olha no que deu.

PEDRO - O pai não estava sonhando.

DONA ELVIRA - Adianta lutar sozinho?

PEDRO - Ele não estava sozinho. Tem muita gente com ele. Porque estão de boca calada não quer dizer que não pensem. Eles pensam e bastante.

DONA ELVIRA - Pedro, tu está falando igualzinho ao teu pai. Não quero te ver metido com esta gente.

PEDRO - Queres que eu fique de braços cruzados o resto da vida?

DONA ELVIRA - Não quero te ouvir falar neste assunto. *(batem à porta. Apreensão)*

HOMEM - Depressa. A gente está esperando.

PEDRO - Já estou indo.

HOMEM - Não demora, nosso contato *(vê dona Elvira)* não podemos esperar mais... *(sai)*

(Pedro fecha a porta. A mãe está emocionada, chora)

DONA ELVIRA - Pedro, tu calça de brim está no arame. Vai buscar.

(Pedro sai. Dona Elvira dobra com carinho e lentidão a camisa de Pedro. Seus movimentos são lentos, doloridos e densos. Pedro volta. Ela entrega a bolsa de viagem. Ele começa a sair)

DONA ELVIRA - Mesmo que não der pra mandar o endereço, escreve de vez em quando.

PEDRO - Eu escrevo.

DONA ELVIRA - Te cuida, meu filho.

PEDRO - Mãe, dá um beijo na Gabriela.

(Pedro sai. Luzes se apagam. Ouve-se uma gaitinha de boca tocando no escuro.)

CENA 13: ESTRADA DA VIDA

"Tô indo pra Canoa Furada!"

(Som da gaita na escuridão. Luz azulada. De um lado do palco está Pedro, rosto tenso, decidido. Do outro aparece Caco. Calça de brim, fita na testa, mochila, olhar de drogado. Toca a gaitinha de boca. Cruzam a cena em direções opostas. Caco pára, observa Pedro sair de cena. Caco senta na mochila. Entra Bia e Luciana, também na viagem de carona, entra 16-17 anos.)

BIA - Aí, Luciana, será que a gente vai conseguir pegar carona?

LUCIANA - Nem te grila, dá um tempo, né Bia?

BIA - *(para o Caco)* Tu tá viajando de carona?

CACO - De carona... também.

LUCIANA - Será que a gente podia viajar junto? Já tá ficando escuro.

CACO - Por mim... tudo bem.

BIA - Valeu.

LUCIANA - Tu não é o Caco?

CACO - Sou, por quê?

LUCIANA - Tu não lembra de mim, carinha?

CACO - Bá, tu não é aquela irmãzinha da Ruth? A Luciana?

LUCIANA - (*entusiasmada*) Puta merda!

CACO - Bá, como tu cresceu depressa...

BIA - Não vai me dizer que vocês se conhecem?

LUCIANA - Faz um tempão. Essa daí é a Bia, uma amiga minha.

BIA - Ai. (*gesto de paz e amor*)

LUCIANA - Pra onde tu tá indo, heim cara?

CACO - Tô indo pra Canoa Furada.

LUCIANA - Não é furada, é quebrada.

CACO - Pode crê.

BIA - A gente está indo pra Santa Catarina.

CACO - E vocês estão procurando alguém?

BIA - É ninguém especial... Alguém...

LUCIANA - (*olhando para Caco*) Pode ser até que já tenha encontrado.

CACO - Bá, acho que está viagem vai ser altas viagens.

BIA - A gente tem mais é que cair da city. Aqui não tem espaço pra gente.

CACO - A gente tem mais é que buscar o nosso espaço, saca? O lado natural!

LUCIANA - É, liberdade!

CACO - Liberdade.

TODOS - *(cantam)* Liberdade é uma calça velha
Azul e desbotada
Que você usa
Do jeito que quiser

(Cantam e vão para o meio da estrada. Um carro interrompe, quase atropelando os três que reagem furiosos) (cantam)

Hoje existe tanta gente
Que quer nos modificar
Não quer ver o nosso cabelo assanhado com jeito
Nem quer ver a nossa calça desbotada
O que que há
Se o amigo está nessa ouça bem
Não tá com nada

(Bia corre até canto da cena para pedir carona. Volta)

BIA - Pessoal, pintou uma carona. Mas é só pra um. Eu tô indo. Nos encontramos em Garopaba. Na frente da igreja. *(sai de cena)*

LUCIANA - Guarda as minhas coisas, Bia.

BIA - Eu cuido. Lulu, o motorista é um gato! Tchau!

CACO - Tudo bem... *(pausa. Os dois se olham. Embaraço.)*

JUNTOS - Ficamos, né?

LUCIANA - Caco, como tu está diferente.

CACO - É que tu não me sacava direito.

LUCIANA - Pensei que tu ia ser um cara tri acomodado. Tu era todo mimado, filhinho de papai, te achava um saco.

CACO - Nada a ver. Nada a ver. Meus coroas ficaram enchendo muito o meu saco. Aí eu peguei mandei tudo à merda. Caí planando na estrada!

LUCIANA - Que barato!

CACO - Tô fazendo a minha vida. Não tô a fim de morrer numa financeira feito o meu velho. E tu, tá transando quê?

LUCIANA - Eu tô dançando.

CACO - Bá, dança é um barato. Tenho uma amiga minha que dança.

LUCIANA - Faço uma dança que é meio teatro, meio paixão, meio vida, meio... *(percebendo a noite)* Eu acho que a gente vai ter que ficar por aqui.

CACO - Por mim, tudo bem... Tenho até um cobertor aqui... é boliviano... de Macchu Picchu.

LUCIANA - Macchu Picchu é no Peru. *(Caco fica sem jeito)* Caco, olha só a lua que tá pintando.

CACO - Bá... tri...

LUCIANA - *(olhando para a lua)* Caco, lembra que tu não quis dançar comigo numa reunião-dançante?

(Se olham, os lábios se tocam lentamente enquanto Janis Joplin debulha Summertime. Luzes descem no tempo da paixão)

CENA 14: FACULDADE

"Será que a gente corre perigo por aqui?"

(Luzes se acendem. Cadeiras formam o restaurante universitário. Bandeirão.)

GABRIELA - Tu também entrou agora na faculdade?

MORENO - Não, tô no quarto semestre.

GABRIELA - Tu já tá trabalhando?

MORENO - Tô fazendo plantão no Pronto Socorro.

MARTA - Conheci ontem um cara do DCE, no Bar Alaska! Uma tesão. Ficamos conversando sobre a revolução sexual. Daí levei o cara para meu quarto na Casa do Estudante.

GABRIELA - É mesmo? Me diz uma coisa, não teria uns livros pra me emprestar?

MORENO - Que livros tu precisa?

GABRIELA - Livros do primeiro ano, anatomia, histologia.

MARTA - Ele ficou olhando os meus livros. E eu com um tesão. Ele começou a me contar a vida de Marx e eu não aguentei mais. Tirei a blusa. Aí ele quis discutir Lenin e eu arranquei a calçinha!

ANA - Então ele....

MARTA - Pegou o livro vermelho do Mao Tsé Tung.

GABRIELA - Tu vai te especializar em que?

MORENO - Psiquiatria e tu?

GABRIELA - Não sei ainda. Acho que pediatria.

MORENO - Criança é o futuro do Brasil!

MAGRINHO - *(na fila, ao ser servido o bandejão)* Olha este feijão aqui! *(para a funcionária)* Come tu que eu quero ver, titia. *(pega sobremesa)* Peguei duas bananas, não quero nem saber!

NECO - Bá, guria! Não me diz que tu passou no vestibular?

GABRIELA - Passei, sim.

MAGRINHO - Ainda bem. Pensei que tava comendo aqui sem carterinha.

NECO - Tu fazia cada pergunta no cursinho! Eu tinha certeza que tu não passava!

GABRIELA - E tu passou?

NECO - Claro que passei.

MARTA - Ele um cara bonito, um pequeno problema na perna, mas era um charme. Falava sem parar de uns decretos, números 4728, sei lá. Aí eu parti pra cima, tirei a roupa dele e comecei a beijar ele. Então ele começou a recitar Maiakowsky.

ANA - Que legal!

MARTA - *(entusiasmada)* Em russo!

NECO - Mas tu passou em que? Pedagogia, letras ou teatro?

GABRIELA - Medicina.

NECO - Medicina? Com aquelas perguntinhas que tu fazia? Eu olhava e ficava pensando: com uma boquinha tão charmosa, como é que pode sair tanta bobagem por aí?

GABRIELA - Oh, simpatia, e tu passou em que?

NECO - Eu passei em biblioteconomia.

MAGRINHO - O quê? Não!

MORENO - Biblioteconomia é um saco.

NECO - Eu queria mesmo Engenharia. Mas tudo bem. Eu tô curtindo o curso... eu gosto muito de livros.

MORENO - Tá assim de conformado aqui dentro.

NECO - Mas me conta, como é que tá a Universidade pra ti? Tá legal?

GABRIELA - Mesma coisa, principalmente com a tua presença.

NECO - Mas só muda. Tem que pegar o astral daqui. A vida cultural e artística, está tudo aqui.

MARTA - Depois de horas escutando poesia em russo ele viu que eu estava nua. Resolveu tomar uma atitude e...

ANA - Te contou o assassinato de Trotsky!

MARTA - Veio pra cima de mim. Eu comecei e esquentar e ele terminou.

ANA - E tu?

MARTA - Eu peguei o livro a "Função do Orgasmo" do Reich e li até amanhecer.

GABRIELA - Sabe que por aí ele tem razão. Eu vi um monte de cartazes da "Peña de la Cancion Latino Americana".

NECO - Sabe quem vai cantar? (*pausa*) Martin Coplas.

GABRIELA - Quem é Martin Coplas?

MORENO - É um exilado político argentino que mora em Porto Alegre faz tempo.

NECO - Bá o cara é exilado, então o show vai ser do arco!

PACHALSKI - (*entrando no R.U.*) Com licença, eu só vou dar um recadinho.

PACHALSKI - (*para todos*) Atenção pessoal, vai ter uma reunião hoje as seis e meia no DCE para discutir o encaminhamento da luta de 477 e do 228. Depois às nove da noite, vai ter uma peça com o pessoal do Jairo de Andrade do Teatro de Arena, lá na Reitoria, seguida de debate. E pra encerrar, um recital de poesia do Maiakovsky.

ANA - Em russo?

PACHALSKI - Pras meninas vai ter tradução simultânea.

NECO - Colega, só um tempinho, poderia explicar melhor este artigo 4728?

MAGRINHO - É 2847.

PACHALSKI - É 477 e 228. São dois decretos-lei que proíbem a participação de estudantes universitários na vida política nacional. E ainda ameaçam de enquadramento na Lei de Segurança na Nacional. (*palmas*) Vai um aí companheiro?

MORENO - Não, obrigado. Eu já conheço.

PACHALSKI - Eu também já te conheço. *(distribui os panfletos e sai)*

MORENO - Vocês vão? *(ninguém responde)* Tu vai?

GABRIELA - Toma o meu que eu não vou.

MORENO - Não que o estas porcarias.

MARTA - Eu também te conheço.

PACHALSKI - Nunca te vi mais gorda.

MARTA - *(para Ana)* Ele não me conheceu de roupa!

NECO - Eu só vu. Tô tri a fim deste lance de política.

MORENO - Pessoal, esse "companheiro" que que saiu aí, é um baita dum ratão. Ele agita as histórias pra pegar os trouxas. Abram o olho com ele. Até logo. *(sai. clima de insegurança.)*

MARÍLIA - Não vão atrás dele pois ele é que é um rato. Faz dez anos que está na Universidade. Já fez de tudo aqui dentro. Arquitetura, Administração, Direito, Engenharia, Teatro e o diabo a quatro.

NECO - Esse cara já fez Engenharia?

MARÍLIA - Engenharia ele fez pouco tempo, lá só tem alienado mesmo. Não tinha o que fazer.

NECO - O que tem contra o curso de Engenharia pra ficar falando?

MARÍLIA - Já namorei dois engenheiros. Depois deles desisti de transar com homem! Te cuida, cara, só te cuida. *(sai)*

NECO - *(preocupado)* E aí Gabriela, como é que a gente fica nesta história? Será que a gente corre perigo?

GABRIELA - Talvez.

(Magrinho que vinha carregando a bandeja, pára e escuta. Sai com cara de apavorado. Neco faz menção de lhe entregar um jornal alternativo, ele nega e sai assustado.)

MARTA - Gabriela, consegui aquele livro de Anatomia que a gente estava precisando. Tá a fim de estudar?

GABRIELA - Claro, a aula é na 402?

ANA - Guria!

GABRIELA - Ana!

ANA - Gabi!

GABRIELA - Quanto tempo. Ai que saudades!

ANA - Guria... *(se abraçam emocionadas)*

GABRIELA - Voltou pra Porto Alegre?

ANA - Voltei. Tô morando aqui. Deixei a família em Brasília e vim pra cá.

GABRIELA - Que amor. E o que tá fazendo?

ANA - Tô no terceiro ano de Jornalismo e tu?

GABRIELA - Entrei agora na Medicina.

ANA - Medicina?

GABRIELA - Suei pra entrar.

ANA - Legal te ver. E como vai o pessoal? Como vai a tua mãe?

GABRIELA - Bem...

ANA - O teu pai?

GABRIELA - O pai? ...desde aquela época, lembra?

ANA - Lembro... *(apreensiva)* E o Pedro?

(Silêncio. Gabriela não responde. Tensão)

NECO - O que foi guria? Parece que viu um fantasma!

MARTA - Vamos nessa Gabriela?

GABRIELA - Eu vou indo... eu quero mais é estudar. Foi bom te ver Ana.

ANA - Foi bom te ver Gabriela. Te cuida, tá?

(Muita emoção. Se abraçam. Gabriela sai de cena. Manda um beijo para ana, de longe ao sair. Ana, muito emocionada guarda a bandeja. Neco sai atrás dela, faz sinais querendo iniciar uma paquera.)

ANA - Ah, não é possível!

(Luzes se apagam)

CENA 15: GRAVIDEZ

"Essa criança vai ser filho de um filho!"

(Mudança de cena. Duas cadeiras num foco lateral. É a casa de Luciana, ela está preparando uma aula de dança.)

LUCIANA - É um... dois... três... e sobe até oito. É um dois e a mesma coisa...
(campainha) Puta merda. *(abre a porta)* Oi, Ruth.

RUTH - Tudo bom?

LUCIANA - Tudo.

RUTH - O que tu tá fazendo?

LUCIANA - Preparando uma aula. Tá a fim de um café?

RUTH - Não vai perguntar pela mãe?

LUCIANA - Se tiveres alguma coisa especial pode falar. Que cara é essa?

RUTH - Minha menstruação atrasou.

LUCIANA - Já fez algum teste?

RUTH - Não fiz teste nenhum. Eu sei que tô grávida.

LUCIANA - Quanto tempo está atrasada.

RUTH - Quinze dias.

LUCIANA - Quinze dias não atraso. Quinze dias é temperamento.

RUTH - Eu sei que tô grávida. Eu me conheço.

LUCIANA - Já contou pro Rodrigo?

RUTH - Ele só pensa naquela moto.

LUCIANA - Mas ele tem que sair do mundinho dele para saber que é o pai.

RUTH - Não dá, ele muito irresponsável.

LUCIANA - Foi até bom tu falar nisso. Não sei como é que tu agüenta um cara como o Rodrigo. Ele transa com um monte de mulher... até em cima de mim ele já deu.

RUTH - Tu não me disse nada.

LUCIANA - Ué, tô te falando agora.

RUTH - Eu tô a fim de ter esse filho.

LUCIANA - O quê?

RUTH - Eu tô a fim de ter esse filho. Eu não tenho nada, Luciana. Tudo o que eu tenho é dos velhos. Tu ainda tem teu apartamento, tuas aulas de dança, faz teu teatro dançado, tem teus amigos. A única coisa que eu tenho é meu corpo.

LUCIANA - Ruth, tu mesma está dizendo que não tem nada. Sabe a barra que é ter um filho?

RUTH - Sabe qual é a barra de não ter ninguém? Eu tô cansada de ser sozinha.

LUCIANA - Tu não vai deixar de ser sozinha tendo este filho. Compra um cachorro então!

RUTH - Tu não tá entendendo. Não é a mesma coisa.

LUCIANA - Quem não tá entendendo é tu. Um filho não é um bibelô.

RUTH - A vida inteira ouvi as pessoas dizendo que eu não tô entendendo. Mas agora eu sei o que eu quero. Eu não tô louca. Tu fala isso por que já fez um aborto.

LUCIANA - (*chocada*) Claro que fiz e faria de novo. Tu pode não acreditar mas eu queria ser mãe e ainda quero ter um filho, mas não é quando a gente quer. É quando a gente pode.

RUTH - A gente pode quando a gente quer.

LUCIANA - Não é assim. Essa criança vai ser filho de um filho.

RUTH - Mas ele vai ser tão bonito.

LUCIANA - Vai ser como nós... (*campainha*)

RUTH - Esquece o que eu te disse.
(*Lulu abre a porta*)

RODRIGO - Aí Lulu, vim te convidar pra ir numa festa...

LUCIANA - A Ruth tá aqui.

RODRIGO - O quê? (*mal estar geral*)

RUTH - Tu... tudo bom?

RODRIGO - Tudo.

RUTH - Tá a fim de um café?

LUCIANA - Deixa que eu vou fazer um café novinho.

(Luciana sai de cena. Faz sinal para Ruth falar com Rodrigo. Rodrigo larga o capacete, ajeita o cabelo.)

RUTH - Como é que tá a moto?

RODRIGO - Tá legal. Mais um acertos vou paulear todo o mundo.

RUTH - Te cuida. Não vai te machucar.

RODRIGO - Tem perigo não. *(abraça Ruth, ela reage tensa.)* O que foi neguinha? Tá nervosa? Qual é o problema? Conta aqui pro papai.

RUTH - Eu tô grávida.

RODRIGO - *(dá um salto, susto)* Tá louca, mulher!

RUTH - Não, por enquanto só grávida.

RODRIGO - E tu ainda brinca.

RUTH - Quer que eu chore?

RODRIGO - Mas tu tem certeza? Já fez todos os testes?

RUTH - Não fiz teste nenhum. E tira essas porcaria de cima da mesa. *(atira o capacete no chão)*

RODRIGO - Meu capacete! *(para ela)* Mas tu não tomava pílula?

RUTH - Não posso tomar pílula, me faz mal.

RODRIGO - O que faz mal é um filho na barriga.

RUTH - Se eu dissesse que não tomava tu vestia a roupa e ia embora. Te conheço.

RODRIGO - *(pausa)* E agora? O que tu vai fazer?

RUTH - Eu quero ter esse filho.

RODRIGO - Tá louca! Tu sabe quanto é que eu ganho? *(suspense)* Nada! Sou estudante!

RUTH - Eu sei.

RODRIGO - Olha aqui uma coisa. Eu não vou assumir esse filho. E tem mais... nem sei se este filho é meu.

RUTH - Não sabe? Sabe com quantos caras eu já transei?

RODRIGO - Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe. Mas uma coisa eu sei: não vou assumir este filho. Tu tá ficando louca!

RUTH - Louca pra ter.

RODRIGO - O que tu vai dizer para o teu pai e a tua mãe?

RUTH - Tô cagando e andando pra eles. E eles pra mim.

RODRIGO - Mas acontece que o meu pai e a minha mãe não estão cagando e andando pra mim. O que eu vou dizer pra eles?

RUTH - Que eles vão ser avós!

RODRIGO - *(debochando)* Boa, chego em casa e digo "e aí, velho, prepara o teu coração que vai ser vovô" Pensa um pouco. Como é que tu vai viver?

RUTH - Eu dou um jeito. Do jeito que dá.

RODRIGO - Que jeito tu vai dar? Vai rodar bolsa na esquina?

RUTH - *(pausa)* Vai embora. Vai embora. *(gritando)* Eu não preciso de ti, não preciso de ninguém. Vai embora. *(caindo)*

JACARÉ - Oi.

RODRIGO - Oi, Jacaré. Como é que me achou aqui?

JACARÉ - Vi tua moto lá embaixo. Cara, o negócio é o seguinte: pintou a "coisa".

RODRIGO - Negócio é o seguinte: agora não dá. Tô com um baita pepino pra resolver.

JACARÉ - Oh, cara! Vai deixar as pintas com aquele monte de coisa? Vamos lá, cara, na manha da aranha. Depois vem o camburão e inhaque no cara. Qual é?

RODRIGO - E é da boa?

JACARÉ - Boa? Lembra da última? Prensada no mel.

RODRIGO - Aquela mesma?

JACARÉ - A mesma!

RODRIGO - E o preço?

JACARÉ - O mesmo. Vamos.

RODRIGO - Desce lá embaixo que eu já vou.

JACARÉ - Mas, carinha, a pinta...

RODRIGO - Jacaré, boca de siri... (*Jacaré sai, contrariado*) Ruth, surgiu um tipo de imprevisto de última hora, eu tenho que resolver, depois eu volto e a gente acerta as pontas, deixa tudo beleza, pode crê...

RUTH - Não precisa mais voltar.

RODRIGO - Não é incomodo nenhum... eu tô de moto...

RUTH - Esquece, cara, esquece que eu existo!

RODRIGO - Preferia, sinceramente, que fosse de outro jeito... mas se tu quer assim... (*sai*)

LUCIANA - (*fecha a porta*) Ruth, vamos passear um pouco. Arejar a cabeça, respirar um pouco. Sair do sufoco. Vamos?

RUTH - Não, Luciana, acabou o sufoco, acabou tudo.

(*Luzes se apagam.*)

CENA 16: O AMOR

"No fundo tu está com um baita medo de se dar!"

(*Mudança de cena. Duas cadeiras num foco lateral, oposto ao anterior. É o apartamento de Paulo. Ele chega, abre a porta, coloca alguma coisa sobre a mesa e logo a campainha toca.*)

KARLA - Oi, tudo bom?

PAULO - Tudo.

KARLA - Saiu o último disco do Caetano, já viu?

PAULO - Vi na Veja semana passada.

KARLA - Pois veja ao vivo.

PAULO - (SEM GRAÇA) Legal. Comprou, é?

KARLA - Pra ti.

PAULO - Pra mim mesmo?

KARLA - Gostou?

PAULO - *(colocando o disco)* Muito. *(toca "Muito")*

KARLA - Não viu que fiquei te chamando lá embaixo. Te assobiei várias vezes e tu nem deu bola.

PAULO - Ando meio desligado.

KARLA - Que foi? Discutiu no emprego?

(Paulo vai até o banheiro, liga o chuveiro, volta)

PAULO - Naquela merda eu discuto sempre, nem esquento mais.

KARLA - O que é então?

PAULO - Tô pensando em ir embora.

KARLA - Embora para onde?

PAULO - Qualquer lugar.

KARLA - É alguma coisa com teu pai? Ele não está legal?

PAULO - O velho tá bem. Com saudades mas está bem. Com está história de Anistia capaz que ele volte pro Brasil ainda este ano. A Carmen adora Paris.

KARLA - Já sei, está com saudades de Paris?

PAULO - Não é nada disso. É tudo o que tu já sabe. Falta uma porção de coisas nesta casa, falta uma porção de coisas neste país. Porto Alegre é muito quente no verão, muito fria no inverno. Como é que posso fazer música se eu passo o dia inteiro vendendo apólice de seguros? *(volta ao banheiro)* Puta que o pariu, este chuveiro não está esquentando.

KARLA - Vamos comer alguma coisa?

PAULO - Acho que tem alguma coisas na geladeira.

KARLA - *(vai até a cozinha)* Pelo menos neste ponto tu é realista. Tem três ovos e um saquinho de leite de... terça-feira.

PAULO - Vê se os ovos não estão estragados. *(vai até a geladeira)* Quer uma cerveja?

KARLA - Não.

PAULO - Ainda bem, só tem uma.

KARLA - Quero falar contigo.

PAULO - Não estamos falando?

KARLA - Sério. Assunto sério.

PAULO - Não fala assim que eu tremo.

KARLA - É sério mesmo.

(Campainha. Karla atende.)

MARINA - Oi.

KARLA - Oi.

MARINA - O Paulo está?

PAULO - Vai entrando.

MARINA - Tudo bem?

PAULO - Karla esta á a Marina, Marina, Karla.

JUNTAS - Oi.

PAULO - Quer tomar uma cerveja?

KARLA - Não tem.

PAULO - Tudo bem. Vou ali embaixo ligeirinho e já volto.

MARINA - Não precisa Paulo.

PAULO - É rapidinho.

MARINA - Só vim pegar um livro e... Por mim não precisa.

PAULO - É por mim... os livros estão ali em cima. *(sai)*

(Pausa. As duas se olham, certo mal estar.)

MARINA - Faz tempo que tu e o Paulo estão transando?

KARLA - Desde que ele voltou da França. O livro que tu queria era para estudar?

MARINA - Não, chega de estudar. Só isso que a gente faz. Tu é daqui de Porto Alegre?

KARLA - Sou e tu?

MARINA - Sou do interior, Três Passos.

KARLA - Mora sozinha?

MARINA - Moro. Sou vizinha do Paulo, aqui do andar de cima.

KARLA - Tu moras sozinha aqui em cima? Bom, então senta, já deve ser de casa mesmo.

MARINA - Não, imagina, só do... corredor... *(senta)* Tu mora com teus velhos?

KARLA - Morar com os velhos é um barra.

MARINA - Uma barra é morar sozinha.

KARLA - Ai, pára, eles te cobram tudo.

MARINA - Mas pelo menos eles estão perto de ti.

KARLA - Estar perto não é estar junto. Eles estão perto.

MARINA - Pelo menos tu tens o Paulo.

KARLA - É eu tenho o Paulo...

(Paulo volta)

PAULO - Pega ligeiro, tá super gelada.

MARINA - Estupidamente gelada.

PAULO - Achou o livro que tu queria?

MARINA - Achei. Cem Anos de Solidão.

KARLA - Heim?

MARINA - Cem Anos de Solidão, o livro. Tô indo.

PAULO - Não quer jantar com a gente?

MARINA - Capaz.

KARLA - *(irônica)* Foi um prazer...

MARINA - Todo meu... *(sai)*

KARLA - Sabe qual é o assunto, Paulo? Estava pensando na gente morar junto.

PAULO - Pára aí, uma coisa é a gente estar junto, outra é a gente morar junto.

KARLA - Eu sei disso. Mas eu tô a fim de uma relação mais concreta, sei lá, mais adulta, acho que está na nossa hora.

PAULO - Tudo bem, eu gosto de ti, tu gosta de mim, isso é ótimo. O que falta pra nós é o próximo passo. É disso que tenho medo.

KARLA - Deixa eu ver se entendi bem. Quer dizer que tu gosta tanto de mim que tá a fim de ir embora? Mas não adianta ir pra lugar nenhum se este medo, esse vazio está dentro de ti.

PAULO - Gente nova, cidade nova, pode ser tudo a mesma merda. Uma vida de merda. Meu pai exilado, um emprego fodido e o pior que... nem o chuveiro funciona nesta casa.

KARLA - Pelo menos a gente tá vivo, já é alguma coisa.

PAULO - Lembra do Pedro, aquele meu amigo?

KARLA - Ele sim que não pode fazer mais nada. *(pausa)* É, eu acho que tu aprendeu tudo bem direitinho. No fundo tu tá com um baita medo de se dar.

PAULO - Não é nada disso.

KARLA - Eu vou embora. Não tem mais nada a fazer aqui. *(começa a sair)*

PAULO - Pára aí, como é que tu chega aqui em casa e quer morar comigo. Acha que é assim no mais?

KARLA - Não tô pedindo explicação.

PAULO - Como não? Vou largar o emprego, viver de música, sabe o que é isso?

KARLA - Não sei porque tu está assim. Não é isso mesmo que tu quer?

PAULO - E tu acha que é fácil? Vai faltar grana!

KARLA - Não tô pedindo pra me sustentar. Vou embora. **(PAULO SEGURA KARLA)**
Me larga.

PAULO - *(gritando)* Vai embora porra nenhuma! O que é que tu quer que eu diga? Que preciso de ti, que só tenho a ti, que eu...

KARLA - Diz Paulo, não dói.

PAULO - *(pausa)* Que eu te amo.

(Entra música eu te amo de Caetano Veloso. Naquela parte que diz - "eu nunca te disse mas agora saiba, eu te amo, serei pra sempre teu cantor" - luzes descem suavemente enquanto Paulo e Karla se abraçam.)

(ANOS 80)

CENA 17: A MEMÓRIA

"Com o tempo aprendi a ficar calada!"

(Casa de dona Elvira. Foco central onde ela está sentada, costurando. Batem a porta.)

DONA ELVIRA - Quem é?

ANA - Dona Elvira? *(Dona Elvira abre a porta)* Eu sou a Ana, lembra? Como vai a senhora?

DONA ELVIRA - Vou bem. Ah, já sei tu era aquela gordinha.

ANA - Não, aquela era Ruth.

DONA ELVIRA - A Ruth... Entra minha filha, tu vai me desculpar mas eu não consigo parar de trabalhar. É pra distrair as idéias.

ANA - Não consigo imaginar a senhora sem trabalhar.

DONA ELVIRA - E tu como vai?

ANA - Vou bem.

DONA ELVIRA - Casou?

ANA - Não, quer dizer, sim, casei...

DONA ELVIRA - A Gabriela também casou... e já se formou também. Em medicina?

DONA ELVIRA - É, e tu já te formou?

ANA - Me formei em Jornalismo.

DONA ELVIRA - Ah, que bom. Teu pai era o...

ANA - Capitão Gomes.

DONA ELVIRA - Isso, o Capitão Gomes, a Dona Virgínia... Como vão todos?

ANA - Tudo bem lá em casa. O pai se aposentou mas continua em Brasília. E a mãe está com ele.

DONA ELVIRA - Tempo passa.

ANA - *(olhando pela janela)* Como mudou tudo por aqui. Demoliram a casa...

DONA ELVIRA - Demoliram muita coisa...

ANA - E o Pedro?

DONA ELVIRA - Demoliram a casa dos Rocha, dos Conte, Acurssso. Antigamente conhecia todo o mundo, mas agora com este viaduto no fim da rua... não tem mais criança brincando na calçada. Aquele prédio ali é todo alugado. Antigamente morava ali a Dona Ivone, antes dela a Dona Talita e antes ainda a...

ANA - Dona Elvira, eu sei que a senhora não gosta de falar neste assunto, mas acontece que o Pedro foi muito importante na minha vida e na vida de muita gente que a senhora nem conhece. A senhora já foi procurar os Direitos Humanos? Abriu processo contra a união?

DONA ELVIRA - De quem era aquela casa?

ANA - Da Dona Maria Clara, mãe da Ruth.

DONA ELVIRA - A Ruth, aquela gordinha...

ANA - Qual a situação do Pedro? (*silêncio*) Olha, estou tentando fazer uma reportagem e preciso que a senhora fale. Está difícil publicar mas são tantas histórias, tanta pressão que isso vai vir a tona, mais cedo ou mais tarde. Mas se a senhora não quer falar é porque no fundo está culpando o Pedro. (*silêncio*) Vou embora. (*vai saindo*)

DONA ELVIRA - Não adianta minha filha. São coisas que não adianta falar, só doem.

ANA - Dói pra senhora e pra muita gente, mas é importante para a memória nacional. Pra resgate da consciência histórica.

DONA ELVIRA - Quem quer saber disso? A gente fala, vira manchete, dois dias depois todos esquecem. A vida da gente é esquecer, esquecer...

ANA - Existem listas de mãe que estão na mesma situação que as senhora... na Argentina...

DONA ELVIRA - Não quero falar neste assunto, com o tempo aprendi a ficar calada...

ANA - Muita gente aprendeu, mas eu acho que eles merecem ser lembrados.

DONA ELVIRA - Essa tua história vai trazer meu Pedro de volta? Vai? Se não vai, não tem proveito nenhum.

ANA - Se pelo menos a gente tentasse.

DONA ELVIRA - Acabou, é passado. E agora, se tu não te importa, eu tenho muito que fazer.

ANA - Desculpe, não queria trazer recordações e magoar a senhora.

DONA ELVIRA - Não preciso que ninguém venha me falar do meu marido e do meu filho pra me lembrar deles. Minha vida é só isso.

ANA - Sinto muito. Posso fazer uma coisa? *(beija suavemente o rosto de dona Elvira, ela se surpreende como se estivesse desacostumada com o carinho)* Não precisa se levantar, eu acho a porta.

(Dona Elvira leva a mão ao rosto. Ana pára na porta e canta a música Angélica, de Miltoninho.)

ANA - *(cantando)* Quem é essa mulher
Que canta sempre este lamento

DONA ELVIRA - *(cantando)* Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar

TODOS - Quem é esta mulher
Que canta como dobra um sino
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar

(Luzes se apagam)

CENA 18: QUEM BAILOU

"E tu o que andas fazendo?"

(Abre a luz. Palco vazio. Ocorrem duas cenas paralelas. Caco e Paulo fazendo Cooper e Gabriela e Ruth no super mercado)

CACO - Ei Paulo.

PAULO - Caco!

CACO - Tempão que a gente não se vê!

PAULO - Mais de ano.

CACO - E aí? Casou?

PAULO - Não casei mas tô amando.

CACO - Que amando! Tinha mais é que voltar a comer tudo que é mulher como a gente fazia, lembra?

PAULO - Falando nisso, tu tá com a tua mulher ou com a Soninha?

CACO - Como é que tu tá sabendo?

PAULO - Porra, uma foto deste tamanho na coluna do Gasparotto. Como é que tu consegues.

(No super mercado)

GABRIELA - Ruth.

RUTH - Gabriela.

JUNTAS - Mas como tu tá linda.

GABRIELA - Tudo bom, querida, como vai?

RUTH - Tudo bem.

GABRIELA - *(percebe aliança na mão esquerda)* Casou, heim?

RUTH - Casei e tu?

GABRIELA - Também casei. Com um colega de faculdade. Me formei em Medicina. E o teu marido o que que faz?

RUTH - Ele é advogado.

GABRIELA - E tu está trabalhando?

RUTH - Ele prefere que eu não trabalhe...

(Cooper)

CACO - E o trabalho?

PAULO - Larguei tudo, tô vivendo de música.

CACO - Vai morrer de fome assim. Tem fazer como eu, só de levantar o telefone hoje de manhã ganhei seis milhões lá na Financeira.

(Super mercado)

GABRIELA - E nenê? Já tem?

RUTH - Não, quer dizer, ainda não. E tu?

GABRIELA - Também não, a gente passa o dia inteiro no hospital, consultório, plantão, mas agora quando melhorar financeiramente vou pensar em ter filho. Não quero que falte nada pra ele.

(Cooper)

PAULO - O ruivinho aquele é teu piá, não é?

CACO - É, por que?

PAULO - Vi ele ontem de tarde aqui no Parque.

CACO - E ele não te mandou a merda?

PAULO - Não, por que?

CACO - Agora deu pra mandar a merda todo o mundo. Do avô ao jardineiro.

(Super mercado)

RUTH - E a tua mãe?

GABRIELA - Tá bem. Continua morando naquela casa, mas tá bem. E a Luciana?

RUTH - Ih, nem te conto.

GABRIELA - O que houve?

RUTH - Um baixo astral.

GABRIELA - O que foi?

RUTH - Está grávida.

GABRIELA - Mas que bom.

RUTH - Bom? Mãe solteira?

(Cooper)

CACO - Teu velho já voltou de Paris?

PAULO - Voltou, não sabia?

CACO - Aproveitou esta tal de abertura...

PAULO - Lenta e restrita demais para o meu gosto, mas enfim... Ele está dando aula na Faculdade e fazendo política.

CACO - Te cuida que vão mandar ele de volta...

PAULO - Desta vez não vai ser bem ele.

CACO - Olha este papo de comunista no meu lado.

PAULO - O que é isso?

CACO - Não vai me dizer que tu foi a favor desta palhaçada das Diretas Já.

PAULO - Tinha outra escolha.

CACO - Maluf na cabeça.

(Foco)

GABRIELA - Mas que absurdo, só no Brasil mesmo. Daqui a pouco nós vamos viver com uma inflação de quarenta, cinquenta por cento ao mês.

RUTH - Como tu é exagerada. Com uma inflação de dez, quinze por cento já é impossível de viver. Imagina seria uma hiper inflação. Que absurdo, Gabriela!

GABRIELA - Mas agora com o Tancredo isso tudo vai mudar.

(Foco)

CACO - Quer dizer que tu acredita neste coluna do meio que é o Tancredo? Este faz a festa mas quem vai mandar mesmo vai ser o Sarney. Essa história eu conheço, até aí morreu neves.

PAULO - Como é mesmo o nome do teu guri?

CACO - Pedro.

PAULO - Pedro? O mesmo nome do irmão da Gabriela, lembra?

(Foco)

GABRIELA - Tudo de bom pra ti. Foi importante te rever.

RUTH - Adorei, que bom te ver. Ah, e o teu irmão?

(Foco)

CACO - Escuta, que fim levou aquele cara?

(Foco)

GABRIELA - Não ficaste sabendo?

(Foco)

PAULO - Bailou, bailou na curva.

(Luzes se apagam envergonhadas)

CENA 19: BAILANDO

"E quando cortaremos laços/ e quando soltarem os cintos/ façam a festa por mim."

(Sobem todas as cortinas do teatro, ouve-se ao fundo, Elis Regina cantando aos nossos filhos, de Ivan Lins e Vitor Martins. Luciana sob um foco mais intenso observa o palco vazio. Se vê tudo que há por baixo do pano. Refletores, maquinaria, figurinos de outras cenas, etc. Luciana caminha e a medida de anda o palco se ilumina. Uma varredora, aparece cantarolando, começa a limpeza. Movimento dos atores antes de um espetáculo)

VARREDORA - Virgem que sujeira! Ave Maria como é que conseguem trabalhar desse jeito?

ATOR 1 - Não varre o palco antes da peça que dá azar!

VARREDORA - Mas esta sujeira...

ATOR 2 - Gente, cadê meu figurino? Alguém viu meu figurino?

ATOR 1 - Não é este aí que tu está vestindo?

ATOR 2 - Ah, é? Que susto. Por um momento pensei que tinham me roubado. Por que tem alguém aqui que quer me destruir!

LUCIANA - Aqui tinha que ter uma luz especial, cadê a luz especial?

ATOR 1 - Luz especial só se for um raio laser pra te desintegrar! Por que o iluminador está lá no bar tomando uma cachaça purinha!

LUCIANA - Ai, meu Deus! Pessoal, vamos lá, cinco minutos. Vou dar o primeiro sinal.

VARREDORA - *(ouve o barulho do público, vai até a cortina - invisível - e espia o público)* Ih, Dona Lulu o teatro tá cheio.

LUCIANA - Não espia. Não sabe que é falta de respeito com o público? *(começa a espiar)* Pessoal, o teatro está cheio!

ATRIZ 1 - Eu já estou velha para este papel. Não posso mais dançar.

LUCIANA - Imagina só. Tu ainda vai bailar muitos anos!

PRODUTOR - Pessoal tenho duas notícias pra vocês...

TODOS - Uma boa, uma má.

PRODUTOR - Qual delas vocês querem ouvir primeiro?

TODOS - A boa.

PRODUTOR - A lotação está esgotada.

ALGUÉM - A gora a má.

PRODUTOR - Vocês vão ter que pagar imposto de renda! *(vaia)* Tudo bem, não foi uma boa piada, por isso que sou produtor.

CAMAREIRO - Aqui está a fantasia de vocês.

ATOR 1 - Não é fantasia á figurino.

CAMAREIRO - Está bom assim Dona Lulu? Tá bem passado? Senão eu passo de novo, comigo assim, não gostou da primeira vez eu passo o ferro de novo. *(ri sem graça)*

LUCIANA - Está bem, obrigado.

CAMAREIRO - Bonito aqui. Né. *(olhando as mulheres)* Cortina de veludo! Beleza pura. Não precisa mais nada mesmo?

LUCIANA - Obrigado, pode ir.

CAMAREIRO - Se precisar... eu e meu ferro... Estamos aí pra isso mesmo, não é verdade?

TODOS - Cair fora!

CAMAREIRO - Pessoal do teatro é mal agradecido. Só queria ajudar! Que baita mulher! *(sai resmungando)*

ATRIZ 2 - Gente, eu quero dizer uma coisa antes da peça. A gente já subiu tantas vezes juntos num palco que acho que posso dizer o que eu vou dizer. Entende o que eu estou falando? Eu... eu... eu...

TODOS - Fala logo.

ATRIZ 2 - Esta aqui é a minha casa e vocês... tudo que eu sonhava era ficar aqui pra sempre...

(Pausa, se abraçam todos)

LUCIANA - Tá pessoal, vamos fazer o aquecimento rápido.

(Começam a aquecer música.)

VARREDORA - Ih, o café, deixei o café no rabo quente! *(sai)*

ATOR 2 - Gente, não quero dizer nada mas... Não me agüento mais, Lulu, não me agüento mais...

LUCIANA - Cara, segura a tua emoção!

ATOR 2 - Não é emoção... *(pausa)* Vou no banheiro! *(sai de cena)*

(Voltam ao aquecimento. Música alta. Elis. Luciana que está fazendo os exercícios junto pára)

ATRIZ 2 - O que foi?

LUCIANA - Mexeu. Ele se mexeu.

ATOR 1 - O nenê? Sentiu o nenê se mexendo?

LUCIANA - Essa noite... está linda. Estar aqui com vocês é demais. Muita emoção e agora o bebê se mexendo... Só tem uma coisa, eu quero fazer esta festa, nós vamos fazer esta festa juntos. Desta vez a gente vai fazer a festa de qualquer jeito!.Não vou pedir desculpas para o meu filho pelo mundo! *(pausa)* Vamos lá pessoa! Terceiro sinal.

(Arrumam o palco rápido, descem as rotundas, as pernas etc. Luzes descem suave. Se ouve o final do aos nossos filhos, na parte que Elis canta "e quando passarem a limpo/ e quando colherem os frutos, digam o gosto pra mim". Finaliza com uma mixagem onde escuta o som de uma máquina de escrever)

CENA 20: REPORTAGEM

"Já deste a mamadeira?"

(Ana está batendo numa máquina de escrever. Foco central do palco. Entra Daniel)

DANIEL - *(embalando o nenê)* Ana, ele não quer dormir!

ANA - Já deu a mamadeira?

DANIEL - A mamadeira, troquei as fraldas...

ANA - Ele já arrotou?

DANIEL - Não ouviu? Parecia que ia derrubar todo o edifício. Não sei como é que consegue, com este tamaího!

ANA - Amor, já pego ele. Tô bem no fim.

DANIEL - Ele não chora, mas ponho no berço e ele fica com o olhinho arregaladão!

ANA - Estou na última linha. Na última frase.

DANIEL - Tá bem. *(para o filho)* Mamãe tá na última frase. *(embala o menino, Ana escreve,música.)*

ANA - Terminei.

DANIEL - É a tua reportagem?

ANA - Não, a reportagem eu já mandei para a Anistia Internacional. Vai sair primeiro em Bruxelas, Londres e Nova Iorque, depois talvez saia aqui no Brasil. Mas ficou uma coisa a mais, aquela mãe do Pedro sem voz, o que a gente passou todos estes anos....saiu uma poesia...

DANIEL - É mesmo, que legal.

ANA - Não que ler pra mim?

DANIEL - Prefiro que tu leia.

ANA - *(lendo)* Meu amigo Pedro...

DANIEL - *(sussurrando)* Ana, mais baixinho... *(aponta para o nenê)*

ANA - Tá bem. *(começa a ler a poesia)*

Meu amigo Pedro era uma pedra na vida deles
Como um pedaço solto de coragem
Nem bem crescido ainda
Saiu, lutou e morreu
Morreu assim como um corpo arrebatado
Esticado, dividido
Morreu como um afogado, agonizando, torturado
Morreu como seu pai, desaparecido
Mas ninguém esperava que ele fosse re-viver
Ninguém esperava que ele fosse mais que aquele monte de carne e osso
Que sobrou depois de dois dias nas salas escuras
Depois de dois dias de choques, água fria, paulada, perguntas
Ninguém esperava que Pedro fosse de pedra
Que pedra pode estar parada, inerte
Mas pode ser pedra no ar, arremesso, tiro, vidro estilhaçado
Que pedra pode ser raiva na multidão
Pode ser fogo, fome, febre
Pedra pode ser mais
Que carne é mais que pedra
E Pedro é mais que carne
Que não adianta represar os rios se não se pode parar a chuva
Ninguém esperava que seus amigos, irmãos, todos
Todos soubessem de tudo
Mas que ninguém podia fazer nada
Que a diferença entre Pedro e nós
É a mesma de um assaltante de bancos e um batedor de carteiras
Mas o tempo é o melhor dos remédios
E o tempo tudo cura
Mesmo as feridas deixadas por Pedro
Menos as que em seu corpo permaneceram

Depois que ele ficou ali num canto da sala, agonizando
Enquanto seus algozes riam e tomavam café
Mas o que eu quero dizer
É que ninguém esperava que eu- justamente eu - filha da mesma noite
Contasse essa história

(Silêncio. Emoção. Ana olha para Daniel. Ele baixa a cabeça e vê o filho)

DANIEL - Dormiu! *(pausa)* Essa tua poesia é linda.

ANA - Estou pensando em publicar.

DANIEL - Vale a pena. *(olha para o bebê adormecido)* A gente vale a pena.

(Eles se beijam com amor, muito carinho)

ANA - Deixa que eu segurar ele no colo.

DANIEL - Não vai acordar agora, viu?

ANA - Vamos levar ele pra cama?

DANIEL - Já preparei o bercinho.

(Luzes diminuem, finalizando a cena. Iniciam os primeiros acordes de uma caixinha de música)

CENA 21: O FINAL

"Há muito tempo que ando nas ruas de um porto não muito alegre."

(Sob uma luz onírica Daniel e Ana carregam o bebê. Pedro atravessa a cena, pai de Pedro chega em casa. Caco e Luciana pedem carona na estrada. Dona Elvira costura. Vários flashes rápidos e simultâneos como se a peça começasse a andar de trás pra frente, numa seqüência desordenada. Os acordes da caixinha de música vão construindo a melodia da música horizontes., de Flávio Bicca rocha, no final todos se aproximam do proscênio e cantam os versos finais da música.)

Há muito tempo que ando
Nas ruas de um porto não muito alegre
E que no entanto
Me traz encantos
Um pôr de sol me traduz em versos
De seguir livre
Muitos caminhos
Arando terras
Provando vinhos
De ter idéias de liberdade
De ver amor em todas idades

Nasci chorando
Moinhos de vento
Subir no bonde
Descer correndo
A boa funda de goiabeira
Jogar bolita
Pular fogueira
Sessenta e quatro
Sessenta e seis
Sessenta e oito mau tempo talvez
Anos setenta não deu pra ti
E nos oitenta eu...

(Silêncio. Todas as luzes do teatro se acendem)

...não vou me perder por aí.

(Cai o pano)

FIM

www.desvendandoteatro.com